ACAMPAMENTO EM OMMEN HOLLANDA

1937 1938

PALESTRAS E
RESPOSTAS A PERGUNTAS
POR

KRISHNAMURTI

1940
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
AV. RIO BRANCO 117 - 2.º ANDAR, SALA 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Tôdas as palestras do livro original em inglês, publicado pelo Star Publishing Trust, foram revistas por Krishnamurti.

PALESTRAS E RESPOSTAS A PERGUNTAS

POR

KRISHNAMURTI

EM OMMEN — 1937/1938

(TRADUZIDO DO INGLÊS)

1 9 4 0

Instituição Cultural Krishnamurti

AVENIDA RIO BRANCO 117-2.º ANDAR, SALA 203

RIO DE JANEIRO

BRASIL

PALESTRAS EM OMMEN 1937

I

Há entre as circunstâncias mutantes da vida algo permanente? Há alguma relação entre nós próprios e a constante mutação ao nosso redor? Se admitíssemos que tudo é mutável, inclusive nós próprios, então jamais existiria a idéia de permanência. Se nos imaginássemos em um estado de contínuo movimento, então não haveria conflito entre as circunstâncias mutantes da vida e aquilo que agora supomos ser permanente.

Há em nós uma profunda e radicada esperança ou certeza de que existe algo permanente no meio da contínua mutação e isto cria o conflito. Vemos que a mutação existe em tôrno de nós. Vemos tudo decaindo, fenecendo. Vemos cataclismos, guerras, fome, morte, insegurança, desilusão. Tudo que nos cerca está em cons-

tante mutação, vindo-a-ser e decaindo. Tôdas as cousas se gastam pelo uso. Nada há de permanente em tôrno de nós. Em nossas instituições, nossas morais, nossas teorias de govêrno, de economia, de relações sociais — em tôdas as cousas há fluxo, há mudança.

E entretanto, no meio dessa impermanência, sentimos que há permanência; estando insatisfeitos com essa impermanência, criamos um estado de permanência, gerando, por êsse modo, conflito entre o que se supõe ser permanente e o que é mutante, o transitório. Mas se percebêssemos que tudo, inclusive nós mesmos, o "eu", é transitório, e as cousas ambientes da vida também o são, certamente não haveria então êsse pungente conflito.

Que é que exige permanência, segurança, que anseia pela continuidade? E' nessa exigência que se baseiam as nossas relações sociais e morais.

Se realmente acreditásseis ou sentísseis profundamente, por vós mesmo, a incessante mutação da vida, então jamais existiria ansiedade pela segurança, pela permanência. Mas porque existe uma profunda ansiedade pela permanência, nós criamos uma parede estanque contra o movimento da vida.

Portanto, o conflito existe entre os valores mutantes da vida e o desejo que está procuran-

do permanência. Se sentíssemos e compreendêssemos profundamente a impermanência de nós próprios e das cousas dêste mundo, então haveria cessação do conflito amargo, das dores e temores. Então não haveria apêgo, de que surge a luta social e individual.

Que é pois esta cousa que se atribuiu permanencia e está sempre procurando uma continuidade ulterior? Não podemos examinar isto inteligentemente se não analisarmos e compreendermos a capacidade crítica em si mesma.

A nossa capacidade crítica brota dos preconceitos, das crenças, das teorias, das esperanças, etc., ou do que denominamos experiência. A experiência baseia-se na tradição, nas memórias acumuladas. A nossa experiência está sempre matizada pelo passado. Se acreditais em Deus, talvez possais ter o que chamais uma experiência da Divindade. Certamente esta não é uma experiência verdadeira. Tem sido gravado em nossas mentes, através de séculos, que há Deus, e de acôrdo com êste condicionamento nós temos uma experiência. Esta não é uma experiência de primeira mão, verdadeira.

A mente condicionada atuando de um modo condicionado não pode experimentar completamente. Tal mente é incapaz de plenamente experimentar a realidade ou a não-realidade e Deus. Do mesmo modo, a mente que já está

preconcebida pelo desejo conciente ou inconciente do permanente não pode compreender a realidade como plenitude. Tôda pesquisa de tal mente preconcebida é apenas um novo fortalecimento dêsse preconceito.

A busca e a ânsia pela imortalidade são o incitamento das memórias acumuladas da conciência individual, o "eu", com seus temores e esperanças, amores e ódios. Êsse "eu" fraciona-se em várias partes em conflito: o superior e o inferior, o permanente e o transitório, e assim por diante. Êsse "eu", em seu desejo de perpetuar-se, procura e utiliza modos e meios de se entrincheirar.

Talvez alguns de vós possais dizer-vos: "Certamente, com o desaparecimento dessas ansiedades, deve haver realidade". O próprio desejo de saber se há algo além da conciência em conflito da existência é uma indicação de que a mente está procurando uma segurança, uma certeza, uma recompensa para os seus esforços.

Vemos como é criada uma resistência contra outra, e essa resistência, através de memórias acumulativas, através da experiência, é cada vez mais fortalecida, tornando-se cada vez mais conciente de si mesma.

Assim, há a vossa resistência e a do vosso próximo, da sociedade. O ajustamento entre

duas ou mais resistências é chamado relações mútuas, sôbre que é construida a moralidade.

Onde há amor, não há a conciência das relações mútuas. É só em um estado de resistência que pode haver esta conciência, que é apenas um ajustamento entre conflitos em oposição

O conflito não existe sòmente entre as várias resistências, mas também dentro de si mesmo, dentro da qualidade permanente e impermanente da própria resistência.

Há algo permanente nessa resistência? Vemos que a resistência pode perpetuar-se por meio da aquisividade, da ignorância, por meio da conciente ou inconciente ansiedade de experiência. Mas certamente essa continuação não é eterna; ela é apenas a perpetuação do conflito.

O que chamamos permanente na resistência é apenas parte da própria resistência, e, portanto, parte do conflito. Assim, em si mesma, não é o eterno, o permanente.

Onde há falta de plenitude, não-preenchimento, há a ansiedade de continuação que cria a resistência, e esta resistência dá a si mesma a qualidade de permanência.

Aquilo a que a mente se agarra como sendo o permanente é em sua própria essência o transitório. É o produto da ignorância, do mêdo e da ansiedade.

Se entendemos isto, então vemos que o problema não é de uma resistência em conflito com outra, mas como esta resistência vem a ser e como pode ser dissolvida. Quando defrontamos êste problema profundamente, há um novo despertar, um estado que pode ser chamado amor.

II

O conflito deve invariavelmente surgir quando há um centro estático no interior de cada um, e, à sua volta, há valores mutantes. Êste centro estático deve estar em luta com a qualidade vivente da vida.

A mutação implica em que nada há de permanente a que a mente possa apegar-se, mas constantemente ela deseja agarrar-se a alguma forma de segurança. A forma do apêgo está sofrendo mudança constante e esta mudança é considerada progresso, mas o apêgo ainda continua.

Ora, esta mutação implica em que não pode haver nenhum centro pessoal que esteja acumulado, armazenando memórias, como salvaguardas e virtudes; nenhum centro que esteja constantemente colhendo experiências para si, lições para o futuro. Embora intelectualmente possamos alcançar isto, emocionalmente, cada um se

apega a um centro pessoal, estático, identificando-se com êle. Na realidade não há tal centro como o "eu", com as suas qualidades permanentes. Precisamos compreender isto integralmente, não apenas com o intelecto, se quisermos alterar fundamentalmente as nossas relações com o nosso próximo, que estão baseadas na ignorância, no temor, nos desejos.

Pensamos agora, cada um de nós, que êsse centro, do qual surge a maioria das nossas ações, pensamos nós que êsse centro é impermanente?

O que significa para vós o pensar? Estais apenas estimulado pela imagem das minhas palavras, por uma explicação que examinareis intelectualmente, nas horas vagas, e transformareis em um padrão, em um princípio para ser seguido e vivido? Produzirá tal método um viver integral? A mera explicação do sofrimento não o faz desaparecer, nem o seguir um princípio ou um padrão, mas o que o destrói são o pensamento e emoção integrais.

Se não estais sofrendo, então a imagem verbal de outrem sôbre o sofrimento, a sua explicação a respeito dêle, pode, no momento, ser estimulante e fazer-vos pensar que devíeis sofrer. Mas tal sofrimento não tem significado.

Há duas maneiras de pensar. Uma é por meio do mero estímulo intelectual, sem nenhum conteúdo emocional; mas quando as emoções

estão profundamente revolvidas há um processo integral de pensamento que não é superficial, intelectual. Êste pensamento-emoção integral é o único que pode realizar a compreensão e ação perduráveis.

Se o que estou dizendo age apenas como um estímulo, então surge a pergunta de como aplicá-lo à vossa vida diária, com suas dores e conflitos. O modo, o método, torna-se de tôda importância sòmente quando as explicações e estímulos vos estão impelindo para uma ação particular. O modo, o método, cessa de ser importante sòmente quando ficais apercebido, integralmente.

Quando a mente revela a si mesma os seus próprios esforços de temores e desejos, então surge o apercebimento integral da sua própria impermanência, o único que pode libertar a mente dos seus trabalhos limitadores. A não ser que isto esteja acontecendo, todo o estímulo se transforma em maior limitação.

Tôdas as qualidades artificialmente cultivadas dividem: todo o cultivo intelectual da moralidade, da ética, é cruel, nascido do mêdo, criando apenas outras resistências do homem contra o homem.

A qualidade da resistência é ignorância. Estar familiarizado com muitas teorias intelectuais não é libertação da ignorância. O ho-

mem que não está integralmente apercebido do processo da sua própria mente é ignorante.

Libertar o pensamento do desejo de adquirir, por meio da disciplina, por meio da vontade, não é libertação da ignorância, pois, êle continua ainda preso no conflito dos opostos. Quando o pensamento percebe integralmente que o esfôrço para se desembaraçar do desejo de adquirir é também parte dêsse mesmo desejo, então há um comêço de iluminação.

Qualquer que seja o esfôrço que a mente faça para se desembaraçar de certas qualidades, continua ainda presa na ignorância; porém, quando ela discerne que todo o esfôrço que fizer para libertar-se está ainda dentro do processo da ignorância, então há uma possibilidade de romper o círculo vicioso da ignorância.

A vontade de satisfação fraciona a mente em muitas partes, cada uma em conflito com a outra, e esta vontade não pode ser destruida por outra superior, que é apenas nova forma da vontade de satisfação. Êste círculo de ignorância rompe-se, por assim dizer, como que vindo do interior, sòmente quando a mente cessa de ser aquisitiva.

A vontade de satisfação destrói o amor.

Interrogante: Como podemos distinguir entre a revelação, que é verdadeiro pen-

samento, e a experiência? Para mim, a experiência, em virtude dos nossos falsos métodos de viver, torna-se limitada, não sendo, portanto, revelação pura. Ambas deveriam ser uma só cousa.

Interrogante: Quereis dizer que a experiência é memória, memória de alguma cousa feita?

Krishnamurti: — A experiência pode condicionar ainda mais o pensamento ou libertá-lo das limitações. Experimentamos de conformidade com o nosso condicionamento, mas êste condicionamento pode ser rompido, o que pode dar a todo o nosso ser uma libertação integral. A moralidade, que deveria ser espontânea, tem sido feita para seguir a um padrão, um princípio que se torna certo ou errado segundo as crenças que o indivíduo mantém. Para alterar êste padrão, alguns recorrem à violência, esperando criar um padrão "verdadeiro", outros se voltam para a lei afim de remodelá-lo. Ambos esperam criar a moralidade "reta" através da fôrça e da conformidade. Mas tal constrangimento não é mais moralidade.

A violência, de certa forma, é considerada como um meio necessário para um fim pacífico.

Não percebemos que o fim é controlado e modelado pelos meios que empregamos.

A verdade é uma experiência dissociada do passado. O apêgo ao passado, com as suas memórias, tradições, é a continuação de um centro estático que impede a experiência da verdade.

Quando a mente não está sobrecarregada com a crença, com o querer, com o apêgo, quando está criativamente vazia, então há a possibilidade de experimentar a realidade.

III

Tôda luta provém das relações mútuas, de um ajustamento entre duas resistências, dois indivíduos. A resistência é um condicionamento, limitando ou condicionando essa energia que pode ser chamada vida, pensamento, emoção. Êste condicionamento, esta resistência, não teve comêço. Existiu sempre, e podemos vêr que pode ser continuado. Há numerosas e complexas causas para êle.

Êste condicionamento é ignorância, que pode ser conduzido a um fim.

A ignorância é o não-apercebimento do processo de condicionar, que consiste em muitos desejos, temores, memórias aquisitivas, etc.

A crença é parte da ignorância. Qualquer ação provinda da crença sòmente fortalece mais a ignorância.

A ansiedade de compreensão, de felicidade, a tentativa de se desembaraçar desta qualidade

particular e adquirir aquela virtude particular, todo êste esfôrço é nascido da ignorância, que é o resultado dêsse querer constante.

Portanto, nas relações mútuas, a luta e o conflito continuam.

Enquanto persistir o querer, tôda experiência condiciona ainda mais o pensamento e a emoção, continuando assim o conflito.

Onde existe o querer, a experiência não pode ser completa, fortalecendo, portanto, a resistência. A crença, o resultado do querer, é uma fôrça condicionante; a experiência baseada em qualquer crença é limitadora, por mais vasta e ampla que possa ser.

Qualquer esfôrço que a mente faça para romper o seu próprio círculo vicioso da ignorância deve auxiliar ainda mais a continuação da ignorância. Se não se compreende o processo todo da ignorância, e meramente se faz esfôrço para se desembaraçar dêle, o pensamento estará ainda atuando dentro do círculo da ignorância.

Assim, o que se deve fazer, discernindo que qualquer ação, qualquer esfôrço que se faça ùnicamente fortalece a ignorância? O próprio desejo de romper o círculo da ignorância é ainda parte da ignorância. Então, o que se deve fazer?

Ora, é esta uma pergunta da máxima importância, vital, para vós? Se é, então vereis que não há resposta positiva, direta. Pois, as res-

postas positivas sòmente podem trazer mais esfôrço, que apenas fortalece o processo da ignorância. Assim, há sòmente um modo negativo de tratar a questão, que é estar integralmente apercebido do processo do mêdo ou da ignorância. Êste apercebimento não é um esfôrço para vencer, para destruir ou encontrar um substituto, mas uma tranquilidade de nem aceitar nem negar, uma quietude integral de não escolher. Êste apercebimento rompe o círculo da ignorância, por assim dizer, como que vindo do nosso interior, sem fortalecê-lo.

Interrogante: Como se pode saber ao certo se a mente está incondicionada, pois nisso há possibilidades de ilusão?

Krisnamurti: Não nos preocupemos com a certeza da mente incondicionada, mas estejamos antes apercebidos das limitações do pensamento-emoção.

Interrogante: Há uma diferença real entre estarmos desapercebidos do nosso condicionamento e imaginarmos que estamos incondicionados.

Krishnamurti: Certamente, isto é óbvio. Investigar o estado incondicionado quando

a própria mente está limitada é inteiramente fútil. Temos de nos interessar com as causas que manteem preso o pensamento-emoção.

Interrogante: Sabemos que há realidade e não-realidade, e que do irreal devemos passar ao real.

Krishnamurti: Esta é, por certo, outra forma de condicionamento. Como sabeis que existe o real?

Interrogante: Porque êle está presente.

Krishnamurti: Parastes de pensar, se assim posso dizer, quando asseverastes que êle está presente.

Interrogante: Penso que percebemos continuamente que estamos condicionados, porque estamos sempre sofrendo e em conflito.

Krishnamurti: Portanto o conflito, o sofrimento, a tensão das relações pessoais, indicam condicionamento. Pode haver muitas causas para o condicionamento, mas estais apercebido ao menos de uma delas?

Interrogante: O mêdo e o desejo são as causas da limitação?

Krishnamurti: Quando fazeis essa declaração, estais conciente de que na vossa vida o mêdo e o desejo causam luta, miséria?

Quando dizeis que o mêdo está condicionando a vossa vida, estais conciente dêsse mêdo? Ou é por terdes lido ou me ouvido falar sôbre êle, que repetís, "O temor é condicionante"? O temor não pode existir por si mesmo, mas sòmente em relação com alguma cousa.

Ora, quando dizeis que estais conciente do mêdo, é êle causado por algo exterior a vós ou está dentro de vós? Teme-se um acidente, ou o próximo, ou alguma relação imediata, ou alguma reação psicológica, e assim por diante. Em certos casos são as coisas externas da vida que nos fazem ter mêdo, e, se delas nos libertarmos, julgamos que não teremos mais mêdo.

Podeis livrar-vos do vosso próximo? Podeis ser capaz de fugir de um próximo particular, mas, onde quer que estejais, estareis sempre em relação com alguem. Podeis criar uma ilusão em que vos abrigueis ou construir um muro entre o vosso próximo e vós e, assim, vos proteger. Podeis separar-vos por meio da divisão social, das virtudes, das crenças, das aquisições, e dêsse

modo livrar-vos do vosso próximo. Mas isso não é libertação.

Há ainda o mêdo das doenças contagiosas, dos acidentes, etc., contra os quais se tomam precauções naturais, sem exagerá-las indevidamente.

A vontade de sobreviver, a vontade de estar satisfeito, a vontade de continuar — esta é a verdadeira causa raiz do mêdo.

Sabeis ser isto assim? Se sabeis, então o que quereis dizer por "saber"? Vós o conheceis apenas intelectualmente, como uma imagem verbal, ou dêle estais apercebido integral, emocionalmente?

Conheceis o mêdo como reação quando a vossa resistência está enfraquecida; quando as paredes da vossa auto-proteção se partem, então ficais conciente do mêdo, e a vossa reação imediata é concertar novamente essas paredes, fortalecê-las afim de permanecerdes seguro.

Interrogante: Podeis dizer-nos o que é o mêdo?

Krishnamurti: Dizer-vos o que é o mêdo! Não *sabeis* o que êle é?

Se na vossa casa nada há de valor a que estejais apegado, então não temeis o vosso próximo, as vossas portas e janelas permanecerão

abertas. Mas o mêdo se encontra no vosso coração quando estais apegado, então pondes trancas nas vossas janelas, então fechais à chave as vossas portas. Isolais-vos.

A mente reuniu certos valores, tesouros, e pretende guardá-los. Se o valor destas posses é posto em dúvida, há o despertar do mêdo. Pelo mêdo nós as guardamos mais zelozamente, ou vendemos as velhas e adquirimos novas que protegeremos com maior astúcia. Damos a êsse isolamento vários nomes.

Pergunto-vos se tendes algo precioso em vossa mente, em vosso coração, que estejais guardando. Se tendes, então forçosamente deveis criar paredes contra o mêdo, e esta resistência é designada por vários nomes — amor, vontade, virtude, caráter.

Tendes algo de precioso? Tendes algo que vos possa ser arrebatado, a vossa posição, as vossas ambições, os vossos desejos, as vossas esperanças?

Que possuís atualmente? Podeis ter posses mundanas que tentais salvaguardar. Afim de protegê-las tendes o imperialismo, o nacionalismo, as distinções de classe. Cada indivíduo, cada nação está fazendo isso, gerando o ódio e a guerra. Pode o mêdo da perda ser totalmente removido? Todos os indícios mostram que êle não pode ser extirpado por uma proteção maior,

um maior nacionalismo, maior imperialismo. Onde há apêgo, há mêdo.

I n t e r r o g a n t e : E' pelo desfazermo-nos dos objetos ou pelo estabelecimento de relações diferentes entre nós e êles que o mêdo é dissipado?

K r i s h n a m u r t i : Seguramente nós não chegamos ainda à questão de como nos livrar do mêdo. Estamos tentando descobrir quais são as cousas preciosas que cada um de nós tão astuciosamente resguarda e sòmente depois poderemos descobrir os meios de nos desembaraçar do mêdo.

I n t e r r o g a n t e : E' muito difícil saber. ...Eu não sei a que me estou apegando.

K r i h n a m u r t i: Sim, esta é uma das dificuldades, mas a não ser que saibais disso, o mêdo há de continuar, embora desejeis desembaraçar-vos dele. Estais conciente, com todo o vosso ser, de que vos protegeis de uma ou de outra forma, através da crença, das aquisições, da virtude, da ambição?

Quando principiardes a considerar profundamente, percebereis como a crença ou qualquer

outra modalidade de exclusão vos segrega, seja como grupo ou como um indivíduo, e que a crença age como resistência contra o movimento da vida.

Alguns de vós dirão que a mente não está conservando uma crença, mas que ela é parte da própria mente, que sem alguma forma de crença a mente, o pensamento, não pode existir. Ou podeis dizer que a crença não é realmente uma crença, mas intuição, para ser guardada, para ser encorajada.

I n t e r r o g a n t e : *Parece-me que a crença existe em mim, e não sei o que fazer com ela. Não sei se a estou guardando ou não.*

K r i s h n a m u r t i : E' exatamente isto. Ela é parte de vós, como dizeis. Por que ela existe? Por que é parte de vós? Fostes condicionado através da tradição, da educação; adquiristes a crença conciente ou inconcientemente como proteção contra as várias formas de mêdo, ou a aceitastes através da propaganda como uma panacéia. Podeis não ter crença em uma teoria particular, mas podeis tê-la em uma pessoa. Há várias formas de crença. O desejo de confôrto, de segurança, força a alguma espécie de crença, que se guarda, porque sem ela nos sentimos inteiramente perdidos. Há, assim, a constante

tentativa de justificar a própria crença ou de encontrar um substitutivo para a antiga.

Onde há apêgo há mêdo, mas a libertação do mêdo não é uma recompensa do desapêgo. O sofrimento faz com que nos decidamos a ser inteiramente desapegados porém êste desapêgo é, realmente, uma forma de proteção contra o sofrimento. Ora, como a maioria de nós tem algo — amor, posses, ideais, crenças, concepções — a proteger, que vai constituir essa resistência que é o "eu", o "mim", é fútil perguntar como se desembaraçar do "eu", do"mim", com as suas várias camadas de querenças, de temores, sem compreender integralmente o processo da resistência. O próprio desejo de se libertar dêles é outra e mais segura forma de autoproteção.

Se estiverdes apercebido dêsse processo de proteção, da construção de paredes para guardar o que sois e o que tendes, se estiverdes conciente disso, então jamais perguntareis qual o modo, o método de vos livrardes do mêdo, da ansiedade. Então verificareis, na tranquilidade do apercebimento, o ruir espontâneo das várias causas que condicionam o pensamento-emoção.

Não ficareis apercebido meramente ouvindo uma ou duas palestras. E' como um fogo que se tem de produzir, e vós tendes de produzí-lo. Precisais começar, por pouco que seja, a ficar conciente, a ficar apercebido, e podeis fazer

isto quando falais, quando rides, quando estais em contacto com as pessoas, ou quando tranquilo. Êste apercebimento torna-se uma chama, e esta chama consome todo o mêdo que causa o isolamento. A mente precisa revelar-se espontaneamente a si mesma. E isto não é concedido sòmente a uns poucos, nem é uma impossibilidade.

IV

A ignorância é o não-apercebimento do processo do próprio pensamento e emoção de cada um. Tenho tentado explicar o que entendo por apercebimento.

A experiência dissolverá essa ignorância? Que entendemos por experiência? A ação e reação de conformidade com o pensamento e a emoção condicionados. A mente-coração está condicionada pelas conclusões, hábitos de pensar, preconceitos, crenças, temores, querenças.

Esta massa de ignorância não pode ser dissolvida apenas pela experiência. A experiência pode dar à ignorância novo significado, novos valores, novas ilusões; porém, é ainda ignorância. A mera experiência não a pode dissolver; pode sòmente reformá-la.

Podem o simples domínio e alteração do ambiente dissolver a ignorância? Que entendemos por ambiente? Hábitos e valores econômicos,

divisões sociais, a moralidade da conformação, etc. A criação de novo ambiente, produzido pela compulsão, pela violência, pela ameaça, dissolverá a ignorância? Ou apenas a remodelará, ainda de maneira diferente? Pode esta ignorância ser dissolvida pelo domínio externo? Digo que não. Não quer isto dizer que a barbaria atual das guerras, da exploração, das crueldades, dos domínios de classe, não deva ser modificada. Mas a mera modificação da sociedade não alterará a natureza fundamental da ignorância.

Temos empregado dois processos diferentes para dissolver a ignorância: um o contrôlo do ambiente e o outro a destruição da ignorância pela experiência. Antes de aceitar ou negar a impossibilidade de destruir a ignorância por êsses métodos, deveis conhecer a realidade de cada processo. Conheceis-la? Se não, tendes de experimentar e descobrir. Nenhum estímulo artificial pode produzir realidade.

A ignorância não pode ser dissolvida, seja pela experiência ou pelo mero contrôlo do ambiente, mas fenece espontânea e voluntariamente se existir êsse apercebimento em que não há desejo, não há escolha.

Interrogante: Estou conciente de amar, de que a morte levará a quem amo, e o

sofrimento é cousa de difícil compreensão para mim. Sei que êle é uma limitação e sei que desejo alguma outra cousa, mas não sei o que.

Krihnamurti: A morte traz à maioria de nós grande tristeza e desejamos um meio de fugir a êsse sofrimento. Voltamo-nos ou para a crença na imortalidade, obtendo confôrto com ela; ou tentamos esquecer a tristeza por vários modos, ou cultivamos uma forma superior de indiferença, por meio da racionalização.

Tôdas as cousas se decompõem, tudo se gasta com o uso, tudo chega a um fim. Percebendo isto, alguns racionalizam a sua tristeza, afastando-a. Por um processo intelectual, amortecem o seu sofrimento. Outros procuram sobrepujar êsse sofrimento pelo adiamento, pela crença no além, por um conceito de imortalidade. Isto também amortece o sofrimento, pois a crença dá abrigo e confôrto. Pode-se não ter mêdo do além, da sua própria morte, mas a maioria de nós não deseja suportar a agonia da perda de alguém a quem ama. Assim, começamos a descobrir meios e modos de frustrar a tristeza.

As explicações intelectuais de como afastar o sofrimento tornam-nos indiferentes a êle. Na perturbação causada pelo tornar-se apercebido do empobrecimento próprio, pela morte de

alguém a quem se ama, surge o choque do sofrimento. A mente de novo faz objeção à tristeza, e, assim, procura meios e modos de fugir-lhe: satisfaz-se com as várias explicações sôbre o além, a continuidade, a reencarnação, e assim por diante. Um homem racionaliza para evitar o sofrimento, de modo a viver o mais imperturbado possível, e outro, em sua crença, em seu adiamento, abriga-se e conforta-se afim de não sofrer no presente. Êstes dois casos são fundamentalmente o mesmo; nenhum quer sofrer, sòmente as suas explicações é que diferem. O primeiro despresa tôda crença e o último está profundamente imerso ou em fortalecer a sua crença na reencarnação, na imortalidade, etc., ou em descobrir "fatos", "realidade" relacionados com ela.

Interrgante: Não vejo por que o refúgio seja falso. Penso que refugiar-se é tolice. A reencarnação pode ser um fato.

Krihnamurti: Se alguém está sofrendo e há o suposto fato da reencarnação, que valor fundamental tem êste se cessa de ser um refúgio, um confôrto? Se alguém está a morrer à míngua, que benefício lhe traz saber que há superprodução no mundo? Quer-se ser alimenta-

do, não fatos, mas substância muito mais nutritiva.

Não estamos discutindo se a reencarnação é ou não um fato. Isto para mim é inteiramente irrelevante. Quando estais doente, faminto, os fatos não aliviam o sofrimento, não satisfazem a fome. Pode-se ter esperança em um estado ideal futuro, mas a fome ainda continuará. O mêdo da morte e a tristeza que êle traz continuarão, a-pesar-do suposto fato da reencarnação; a não ser, naturalmente, que se viva em completa ilusão.

Por que vos refugiais em um fato suposto, em uma crença? Não vos estou perguntando como sabeis que *é* um fato. Pensais que seja e, no momento, deixemô-lo assim. Que vos impele a procurar abrigo? Como alguém que se refugia no conclusão racionalizada de que tôdas as cousas decaem, e com isso apazigua o seu sofrimento, refugiando-se dêsse modo em uma crença, em um fato suposto, vós também amorteceis a ação da tristeza. Devido à agudeza da miséria, desejais o confôrto, um alívio, e por isso buscais refúgio, esperando que êle seja duradouro e real. Não é por esta razão fundamental que procuramos refúgio, abrigo?

Interrogante: Por não sermos capazes de defrontar a vida, procuramos um substitutivo.

K r i s h n a m u r t i : Declarar apenas que estais procurando substituições, não resolve o problema do sofrimento. Elas nos impedem de pensar e sentir profundamente.

Aqueles de vós que sofreram e estão sofrendo, qual tem sido a vossa experiência?

I n t e r r o g a n t e : Nenhuma.

K r i s h n a m u r t i : Alguns de vós nada fazem suportando-o indiferentemente. Alguns tentam fugir-lhe pela bebida, pelo divertimento, esquecendo-se a si mesmos na ação, ou se refugiando em uma crença.

Qual é a reação atual no caso da morte? Perdestes a pessoa a quem amais e gostaríeis de tê-la de volta; não quereis enfrentar a solidão. Compreendendo a impossibilidade de tê-la novamente, procurais, em vossa vacuidade e tristeza, encher a vossa mente e o vosso coração com explicações, com crenças, com informação de segunda mão, com conhecimento e experiências.

I n t e r r o g a n t e : Há uma terceira possibilidade. Vós nos mostrais sòmente essas duas possibilidades, mas sinto distintamente que há outro modo de defrontar a tristeza.

K r i s h n a m u r t i : Pode haver muitos modos de defrontar a tristeza, mas se há o desejo fundamental de buscar confôrto, todos os métodos se reduzem a êstes dois modos definidos: ou se racionaliza, ou se busca refúgio. Ambos os métodos apenas abrandam a tristeza; oferecem uma fuga.

I n t e r r o g a n t e : E se o homem se casa novamente?

K r i s h n a m u r t i : Mesmo se êle assim procede, o problema do sofrimento ainda permanece irresolvido. Isto é também um adiamento, um esquecimento. Dão-se a si mesmo explicações intelectuais, racionais, porque não se quer sofrer. Um se abriga numa crença, também para evitar o sofrimento. Outro se refugia na idéia de que se puder encontrar a verdade. haverá, enfim a cessação do sofrimento. Outro, pelo cultivo da irresponsabilidade, evita o sofrimento. Todos estão tentando fugir-lhe.

Não objeteis quanto às palavras "abrigo", "refúgio". Substituí-as pelas vossas próprias — crença, D e u s , Verdade, novo-casamento, racionalização, e assim por diante. Mas enquanto houver ansiedade conciente ou inconciente de fugir à tristeza, a ilusão, sob muitas formas, tem de existir.

Ora, por que não deveríeis sofrer? Quando sois feliz, quando estais alegre, não dizeis que não deveríeis ser feliz. Não fugís da alegria, não lhe buscais um refúgio. Quando estais em um estado de êxtase, não recorreis a crenças, a substituições. Pelo contrário, destruís tôdas as cousas que se lhe opõem, os vossos deuses, as vossas moralidades, os vossos valores, as vossas crenças, tudo, afim de manter êsse êxtase.

Ora, por que não fazeis a mesma cousa quando sofreis? Por que não destruís tôdas as cousas que interferem com a tristeza, as muitas explicações da mente, fugas, temores e ilusões? Se vos fizerdes essa pergunta, sincera e profundamente, verificareis que as crenças, os deuses, as esperanças, não teem mais importância. Então a vossa vida terá um significado novo e fundamental.

Na chama do amor, todo o mêdo é consumido.

V

Embora possamos perceber intelectualmente a causa do sofrimento, isto pouca influência tem em nossas vidas. Embora intelectualmente possamos concordar que enquanto há apêgo há mêdo e tristeza, mesmo assim o nosso desejo é tão fortemente possessivo que sobrepuja todo o raciocínio. Ainda que possamos conhecer a causa do sofrimento, o sofrimento continuará, pois o mero conhecimento intelectual não é suficiente para destruí-la. Assim, quando a mente, por meio da análise, descobre a causa do sofrimento, esta mesma descoberta pode tornar-se um refúgio. A esperança de que, pela descoberta da causa da tristeza o sofrimento cessará, é uma ilusão.

Por que a mente procura a causa da tristeza? Evidentemente para vencê-la. Entretanto, nos

momentos de êxtase não há a procura da sua causa; se houvesse, o êxtase cessaria. Na ansiedade pelo êxtase, tateamos em busca das causas que obstruem o caminho. Essa mesma ansiedade pelo êxtase e o desejo intenso de dominar a tristeza impedem a sua realização.

A mente que está sobrecarregada com o desejo de realidade, de felicidade, de amor, não pode libertar-se do mêdo. O mêdo não só amortece a tristeza como também deturpa a alegria. Estará todo o nosso ser em contacto direto com a tristeza como está com a felicidade, com a alegria?

Nós estamos apercebidos de que não somos integrais com a tristeza; de que há uma parte de nós que tenta fugir-lhe. Neste processo a mente acumulou vários tesouros a que se apega desesperadamente. Quando percebemos êsse processo de acumulação, então sentimo-nos impelidos a fazê-lo cessar. Começamos então a procurar métodos, o meio de livrar-nos dêsses fardos. A própria busca de um método é outra forma de fuga.

A escolha de métodos, de um modo de desembaraçar-vos dêsses fardos acumulados, que causam resistência, esta mesma escolha nasce do desejo de não sofrer, e, portanto, é prejudicial. Êste preconceito é o resultado do desejo de refúgio, de confôrto.

Interrogante: Penso que ninguém haja imaginado o que dissestes até agora. E' muito complicado.

Krishnamurti: Estamos tentando perceber, sentir a verdade que libertará o homem e não apenas descobrir quais são as causas da tristeza. Se o que tenho dito, que pode parecer complicado, é a verdade, então é libertador. A descoberta da verdade é um processo complexo, pois a mente envolveu-se em muitas ilusões.

A aurora da verdade não repousa na escolha do essencial contra o não-essencial. Mas quando começais a perceber a ilusão da própria escolha, então essa revelação é libertadora, destruindo espontaneamente a ilusão de que a mente se nutre.

E' isso amor, que sofre quando é frustrado, e quando há amargor, quando há vacuidade? O que fere é ver exposta a pequenez do nosso amor.

Sempre que a mente escolhe, sua escolha tem de ser baseada em um preconceito autoprotetor, e como não desejamos sofrer, seus atos estão baseados no mêdo. O mêdo e a realidade não podem coexistir. Um destrói o outro. Mas é uma das ilusões da mente que cria a esperança de algo além da sua própria escuri-

dão. Êsse algo, essa esperança de realidade, é outra forma de abrigo, outra fuga da tristeza. A mente perpetua seu próprio estado de condicionamento por meio do mêdo.

Interrogante: O que dizeis conduz a uma forma muito materialista de vida.

Krishnamurti: Que entendeis por uma forma materialista de vida? Que há apenas esta vida, que não há realidade, nem Deus, que a moralidade deve basear-se nas conveniências sociais e econômicas, e assim por diante. Agora, qual é a atitude não materialista com relação à vida? Que há Deus, que há uma alma que continua, que há o além, que o indivíduo encerra em si mesmo a centelha do eterno. Qual a diferença entre as duas, a forma materialista e a religiosa?

Interrogante: Ambas são crenças.

Krishnamurti: Por que então desprezais a forma materialista de viver?

Interrogante: Porque ela nega a continuidade.

K r i s h n a m u r t i : Estais apenas reagindo contra o preconceito. A vossa vida religiosa é fundamentalmente irreligiosa. Embora possais encobrir êsse fato falando em Deus, no amor, no além, em vosso coração isto nada significa, são apenas umas tantas frases que aprendestes como o materialista aprendeu as suas idéias e frases. Tanto a mente religiosa como a materialista estão limitadas pelos seus próprios preconceitos que impedem a compreensão integral da verdade e a comunhão com ela.

I n t e r r o g a n t e : Ontem pediste-nos que disséssemos porque tentávamos fugir do sofrimento e repentinamente vi todo o significado disso. Se nos entregarmos ao sofrimento ao invés de tentar fugir-lhe, quebramos a resistência dentro de nós.

K r i s h n a m u r t i : Sim, se isso não for o esfôrço da vontade. Mas não será artificial entregar-se à tristeza, não será um esfôrço do intelecto para ganhar algo? Certamente, não vos entregais ao êxtase? Se o fizerdes, não é êxtase.

I n t e r r o g a n t e : Não queria dizer isso. Quero dizer que ao invés de tentar fugir devemos apenas sofrer.

K r i s h n a m u r t i : Por que sentís que deveis sofrer? Quando vos dizeis que não deveis fugir, estais esperando que do sofrimento possais tirar alguma cousa. Mas quando estiverdes integralmente apercebido da ilusão de tôda fuga, então não haverá vontade de resistir ao desejo de fugir, nem vontade de conseguir algo através do sofrimento.

I n t e r r o g a n t e : Sim, vejo isto.

I n t e r r o g a n t e : Repetí, por favor o que acabastes de dizer.

K r i s h n a m u r t i : Não nos entregamos à alegria. Não há dualidade no êxtase. É um estado que surge espontaneamente sem que o queiramos. O sofrimento é uma indicação de dualidade. Sem compreendermos isto perpetuamos a dualidade através de múltiplos esforços e processos intelectuais para dominá-lo, entregando-nos propositadamente ao oposto, desenvolvendo virtudes, etc. Tôdas essas tentativas só fortalecem a dualidade.

I n t e r r o g a n t e : Não agem as resistências que opomos ao sofrimento também como resistências contra o êxtase?

Krishnamurti: Naturalmente. Se existe falta de sensibilidade para a feialdade, para a tristeza, deverá existir também uma profunda insensibilidade para a beleza, para a alegria. A resistência contra a tristeza é também uma barreira para a alegria.

Que é êxtase? Êste estado de ser em que a mente e o coração se encontram em completa união, quando o mêdo não os separa, quando a mente não está restringindo.

Interrogante: Há um modo melhor de sofrer? Um melhor modo de viver?

Krishnamurti: Há, e isto é que venho tentando explicar. Se cada um se tornar conciente do seu próprio estado condicionado, então começará a libertar-se do ódio, da ambição, do apêgo, dos temores que mutilam a vida.

Se a mente destrói um estado condicionado apenas para penetrar em outro, a vida torna-se completamente vã e inútil. É o que está acontecendo à maioria de nós, perambulando de prisão em prisão, pensando ser cada uma mais livre que a anterior, quando, na realidade, cada uma delas é apenas uma limitação de espécie diferente. O que é livre não pode crescer do menor para o maior.

Interrogante: Aceito o estado condicionado do mesmo modo que a revolução do globo, como parte necessária do desenvolvimento.

Krishnamurti: Então não estamos utilizando a inteligência. Pelo simples asseverar que tôda a existência está condicionada, jamais descobriremos se existe um estado que possa não ser condicionado. Pelo tornar-se integralmente apercebido do estado condicionado, cada um começará a compreender a libertação que vem através da cessação do mêdo.

VI

As relações mútuas podem ser limitadas a dois indivíduos, ou estender-se a muitos num círculo sempre crescente. Limitadas ou extensas, a importância está no caráter dessas relações.

Que entendemos por relações mútuas? É um ajustamento entre dois desejos individualistas. Nessas relações há luta de ambições, apêgos, esperanças, desejos em oposição. Assim, quase tôdas as relações mútuas tomam o caráter de tensão e conflito. Elas não existem sòmente entre as pessoas e os valores externos, mas também entre os nossos valores e concepções internas.

Estamos apercebidos desta luta entre amigos, entre vizinhos, entre nós e a sociedade.

Deve êste conflito sempre perdurar? Podemos ajustar as nossas relações com outrem tão astutamente que jamais cheguemos a entrar vi-

talmente em contacto mútuo; ou o ajustamento sendo impossível, as duas pessoas poderão ser forçadas a separar-se. Mas enquanto há qualquer forma de atividade, tem de haver relações entre o indivíduo e a sociedade, que podem ser de um ou de muitos. O isolamento só é possível em completo estado de neurastenia. A não ser que se aja mecanicamente, sem pensar e sem sentir, ou se esteja tão condicionado que se tenha um único padrão de pensar e de sentir. tôdas as relações mútuas significam ajustamento, seja de lutar e resistir, ou de ceder.

O amor não é uma relação mútua, nem um ajustamento; é de uma qualidade inteiramente diferente.

Poderá esta luta nas relações mútuas cessar um dia? Não podemos, através da mera experiência, produzí-las sem luta. A experiência é uma reação a um condicionamento prévio, que, nas relações mútuas, produz conflito. O simples domínio do ambiente com os seus valores sociais, os seus hábitos e pensamentos, não pode produzir relações mútuas que estejam isentas de luta.

Há conflito entre as influências condicionantes do desejo e a corrente rápida, vivente, das relações mútuas. Não são, como a maioria das pessoas pensa, as relações mútuas que limitam, mas o desejo é que condiciona. É o desejo, con-

ciente ou inconciente, que está sempre causando atrito nas relações mútuas.

O desejo surge da ignorância. Êle não pode existir independentemente; precisa alimentar-se do condicionamento prévio, que é ignorância.

A ignorância pode ser dissipada. É possível A ignorância consiste de muitas formas de mêdo, de crença, de querer e de apêgo. Estas criam o conflito nas relações mútuas.

Quando estivermos integralmente apercebidos do processo da ignorância, voluntaria, espontaneamente, há o começo dessa inteligência que defronta tôdas as influências condicionantes. Estamos interessados no despertar dessa inteligência, dêsse amor, o único que pode libertar da luta a mente e o coração.

O despertar dessa inteligência, dêsse amor, não é o resultado de uma moralidade disciplinada, sistematizada, nem um resultado que se possa buscar, mas é um processo de apercebimento constante.

Interrogante: As relações mútuas são também um contacto entre hábitos, e através do hábito há a continuidade da atividade.

Krishnamurti: Na maioria dos casos a ação é o resultado do hábito, hábito baseado na tradição, nos padrões de pensamento e desejo,

e isto dá à ação uma aparente continuidade. Geralmente, então, o hábito rege a nossa ação e as nossas relações mútuas.

É a ação apenas hábito? Se a ação é o resultado de simples hábito mecânico, deve conduzir à confusão e à tristeza.

Do mesmo modo, se as relações mútuas são apenas contacto entre dois hábitos individualizados, então, tôda a relação de tal espécie é sofrimento. Mas infelizmente, reduzimos todo contacto com outrem a um modo tedioso e fatigante, pela incapacidade de ajustamento, pelo mêdo, pela falta de amor.

Hábito é a repetição conciente ou inconciente da ação, que é guiada pela memória dos incidentes passados, da tradição, dos padrões de pensamento-desejo, e assim por diante. Percebe-se frequentemente que se está vivendo em uma estreita senda de pensamento e em se afastando dela deslisa-se para outra. Essa mudança de hábito para hábito é muitas vezes denominada progresso, experiência, crescimento.

A ação, que alguma vez pode ter sucedido a um apercebimento completo, frequentemente se torna hábitual, isenta de pensamento, sem qualquer profundeza de sentimento.

Poderão existir verdadeiras relações mútuas quando a mente estiver apenas seguindo um padrão?

I n t e r r o g a n t e : *Mas há uma resposta espontânea, que absolutamente não á habitual.*

K r i s h s n a m u r t i : Sim, sabemos disso, mas tais ocasiões são raras, e desejaríamos estabelecer relações mútuas de espontaneidade. Entre o que gostaríamos de ser e o que somos há uma enorme lacuna. O que gostaríamos de ser é uma forma de apêgo ambicioso, que não tem significado para quem procura a realidade. Se pudermos entender o que somos, então, talvez possamos conhecer o que é.

Poderão existir verdadeiras relações mútuas quando a mente apenas segue um padrão? Quando se está apercebido dêsse estado a que se chama amor, há relações mútuas dinâmicas que não proveem de um padrão, que estão além de tôdas as definições e cálculos mentais. Mas através da influência condicionante do temor e do desejo, tais relações mútuas são reduzidas à mera satisfação, ao hábito, à rotina. Tal estado não constitue as verdadeiras relações mútuas, mas uma espécie de morte e decadência. Como poderá haver verdadeiras relações mútuas entre dois padrões individualizados, embora haja resposta mecânica de cada um?

I n t e r o g a n t e : *Há um ajustamento contínuo entre êsses dois hábitos.*

K r i s h n a m u r t i : Sim, mas semelhante ajustamento é apenas mecânico, que o conflito e o sofrimento forçam; mas êsse forçar não destrói o desejo fundamental de formar hábitos padronizados. As influências externas e as deternimações internas não destroem a formação de hábitos, mas unicamente auxiliam o ajustamento superficial e intelectual, que não é conducente às verdadeiras relações mútuas.

É êste estado de padrões de idéias, de conformação, conducente ao preenchimento, à vida e à ação criadora e inteligente? Antes de podermos responder a essa pergunta, compreendemos ou estamos apercebidos dêste estado? Se não estamos apercebidos dêle, não há conflito; mas se estamos, então há ansiedade e sofrimento. Dêle tentamos fugir, ou procuramos destruir os velhos hábitos e padrões. Ao subjugá-los apenas se criam outros; o desejo de simples mudança é mais forte do que o de estar apercebido de todo o processo da formação de hábito, de padrões. Por isso passamos de hábito para hábito.

I n t e r r o g a n t e : Sim, sei que o hábito é insensato, mas posso livrar-me dêle?

K r i s h n a m u r t i : Antes de perguntar-me como vencer um hábito particular, vamos veri-

ficar qual é a causa que o está formando, porque podeis abandonar um hábito, um padrão, mas no próprio processo de fazê-lo podeis estar formando outro. É isto o que geralmente fazemos; vamos de um para outro hábito. Continuaremos assim indefinidamente, a não ser que descubramos porque a mente procura sempre formar hábitos e seguir padrões de pensamento-desejo.

Tôdas as verdadeiras relações mútuas requerem vigilância e ajustamento constantes, não de conformidade com um padrão. Onde existe o hábito, o seguir padrões, ideais, êsse estado de plasticidade é impossível. Ser plástico exige pensamento e afeição constantes, e como a mente acha mais fácil estabelecer padrões de comportamento do que estar apercebida, procede à formação de hábitos; e quando é abalada de um hábito particular, pela aflição e pela incerteza, muda-se para outro. O temor pela sua própria segurança e confôrto, compele a mente a seguir padrões de pensamento-desejo. Assim, a sociedade se transforma em produtora de hábitos, de padrões, de ideais, porque a sociedade é o próximo, a relação imediata com quem se está sempre em contacto.

VII

O sofrimento é a indicação do processo dos padrões de pensamento e desejo. A mente procura vencer êste sofrimento pelo adormecer-se novamente através do desenvolvimento de outros padrões e de outras ilusões. A mente é outra vez sacudida dessa limitação auto-imposta e novamente é induzida à irreflexão, até que tanto se identifica com determinado padrão de pensamento-desejo, ou de crença, que não pode mais ser abalada, ou não se permite mais sofrer. Muitos realizam êste estado e o consideram como a mais elevada consecução.

Uma vez que tenhais desenvolvido a vontade que apenas subjuga todo hábito, condicionamento, essa vontade mesma se tornará irrefletida e repetidora.

Devemos compreender ambas, a ação habitual e a ideal ou conceitual, antes que possamos com-

preender a ação sem ilusão. Porque a realidade reside na atualidade.

O apercebimento não é o desenvolvimento de uma vontade introspectiva, porém a unificação espontânea de tôdas as fôrças separativas do desejo.

Interrogante:. É o apercebimento cousa de crescimento lento?

Krishnamurti: Onde há interêsse intenso, há apercebimento pleno. Como se é mentalmente indolente e emocionalmente mutilado pelo temor, o apercebimento torna-se cousa de crescimento lento. Então, não é realmente apercebimento, mas um processo de construção cuidadosa de muralhas de resistência. Como a maioria de nós tem construido essas muralhas auto-protetoras, o apercebimento parece ser um processo lento, um crescimento, satisfazendo assim a nossa indolência. Dessa preguiça tiramos teorias de adiamento-eventualmente, mas não agora, a iluminação é um processo de crescimento lento, de vida após vida, e assim por diante. Passamos então a racionalizar essa indolência e arranjamos as nossas vidas, satisfatoriamente, de acôrdo com ela.

Interrogante: Êste processo parece inevitável. Mas como se poderá despertar rapidamente?

Krishnamurti: É um processo moroso para os indivíduos, a modificação da violência para a paz? Penso que não. Se alguém realmente percebe todo o significado do ódio, a afeição surge espontaneamente; o que impede esta percepção imediata e profunda é o nosso temor inconciente de padrões e realizações do intelecto e do desejo. Porque tal percepção poderia envolver mudança drástica na nossa vida diária: o fenecimento da ambição, o abandono de todo nacionalismo, distinções de classes, apêgos, etc. Êste temor incita-nos, aconselha-nos e, conciente ou inconcientemente, cedemos a êle e por isto aumentamos as nossas salvaguardas, o que apenas cria maior temor. Enquanto não compreendermos êste processo, estaremos sempre pensando em formas de adiamento, de crescimento, e de dominação. O mêdo não pode ser dissolvido no futuro; sòmente no constante apercebimento pode êle cessar de existir.

Interrogante: Penso que devemos voltar rapidamente à paz.

K r i s h n a m u r t i : Se odiais porque o vosso bem-estar intelectual e emocional é ameaçado por vários modos, e se meramente recorreis a nova violência, embora possais com sucesso, pelo menos momentaneamente, afastar o mêdo, o ódio continuará. É só pelo estar constantemente apercebido, que o mêdo e o ódio podem desaparecer. Não penseis em formas de adiamento. Começai a estar apercebido, e se houver interêsse, êste mesmo fato produzirá espontaneamente um estado de tranquilidade, de afeição.

A guerra, guerra em vós, o ódio do vosso próximo, dos outros povos, não poderá ser vencido pela violência, sob qualquer forma. Se começais a compreender a absoluta necessidade de pensar-sentir profundamente sôbre isto agora, os vossos preconceitos, o vosso condicionamento, que são a causa do ódio e do mêdo, serão revelados. Nessa revelação há o despertar da afeição, do amor.

I n t e r r o g a n t e : Penso que levaremos tôda a nossa vida para dominar o mêdo, o ódio.

K r i s h n a m u r t i : Estais novamente pensando em têrmos de adiamento. Sente cada um o estarrecimento causado pelo ódio e percebe as suas consequências? Se sentís isto profunda-

mente, então não estareis interessado com a época em que cessará o ódio, pois êle já terá cedido a alguma cousa, a única em que pode haver profundo contacto e cooperação humanos.

Se alguém estiver conciente do ódio, ou da violência sob seus vários aspectos, pode esta violência ser extinta através do processo do tempo?

Interrogante: Não, não pelo simples decorrer do tempo. Precisaríamos de um método para nos desembaraçar dêle.

Krishnamurti: Não, o mero decorrer do tempo não pode dissolver o ódio; êste pode ser bem encoberto, ou cuidadosamente observado e retido. Mas o temor, o ódio ainda continuarão. Pode um sistema ajudar-vos a vos desembaraçar do ódio? Pode ajudar-vos a subjugá-lo, a controlá-lo, a fortalecer a vossa vontade de combatê-lo, mas não produzirá esta afeição, a única que pode dar ao homem liberdade permanente. Se não sentis profundamente que o ódio é inerentemente venenoso, nenhum sistema, nenhuma autoridade poderão destruí-lo para vós.

Interrogante: Podeis compreender intelectualmente que o ódio é veneno, mas ainda sentís ódio.

Krishnamurti: Por que isto acontece? Não é por que intelectualmente estais superdesenvolvido, e ainda primitivo em vossos desejos? Não pode haver harmonia entre o belo e o feio. A cessação do ódio não se pode produzir através de nenhum método, mas sómente pelo apercebimento constante dos condicionamentos que criaram esta divisão entre o amor e o ódio.

Por que existe esta divisão?

Interrogante: Falta de amor.

Interrogante: Ignorância.

Krishnamurti: Não percebeis que ao repetir simplesmente, que se vivêssemos corretamente esta divisão não existiria, que deixando de ser ignorante ela desapareceria, que o hábito é a causa desta divisão, que se não estivéssemos condicionados haveria perfeito amor — não percebeis que estais apenas entoando certas frases que aprendestes? Que valor tem isto? Nenhum. Está cada um de vós conciente desta divisão? Por favor, não respondais. Observai o que ocorre convosco.

Compreendemos que estamos em conflito, que há ódio e ao mesmo tempo desgosto por êle. Há esta divisão. Podemos compreender

como surgiu esta divisão, através de várias causas condicionantes. O mero exame das causas não produzirá a libertação do ódio, do mêdo. O problema da fome não é resolvido pela simples descoberta de suas causas — o mau sistema econômico, a super-produção, a má distribuição, e assim por diante. Se, pessoalmente, estiverdes faminto, vossa fome não ficará satisfeita apenas por lhe conhecerdes as causas. Do mesmo modo, o simples conhecimento das causas do ódio, do mêdo, com seus vários conflitos, não o dissolverá. O que porá fim ao ódio é o apercebimento sem escolha, a cessação de tôdo esfôrço intelectual para o sobrepujar.

Interrogante: Não estamos bastante côncios dêste ódio.

Krishnamurti: Quando estamos concientes, fazemos objeção ao conflito, ao sofrimento que êle envolve e passamos a agir, esperando vencer todos os conflitos. Isto apenas fortalece mais o intelecto. Tendes de estar apercebido de todo êste processo, silenciosamente, espontaneamente, e nesse apercebimento surge um novo elemento que não é o resultado de nenhuma violência, de nenhum esfôrço, o único que vos pode libertar do ódio e dos condicionamentos que mutilam.

VIII

O ódio não é dissolvido pela experiência, nem por nenhum acúmulo de virtudes, nem pode ser dominado pela prática do amor. Tudo isso apenas encobre o mêdo, o ódio. Apercebei-vos disto, e então haverá uma tremenda transformação em vossa vida.

Interrogante: Que relação tem a ilusão dêsse crescimento psicológico com o crescimento que observamos ao nosso derredor?

Krishnamurti: Vemos que o que é capaz de crescer não é duradouro. Mas ao nosso crescimento psicológico, cada qual se apega como se fôra algo de permanente. Se sentíssemos profundamente e estivéssemos, assim, apercebidos de que tôdas as cousas estão em contínua mutação, em constante vir-a-ser, talvez então fôs-

semos capazes de libertar-nos do conflito existente em nós mesmos, e, do mesmo modo, com o nosso próximo, com a sociedade.

I n t e r r o g a n t e : Quer-me parecer que não posso saltar do ódio para o amor, mas posso transformar a minha antipatia, vagarosamente, em um sentimento de compreensão e afeto.

K r i s h n a m u r t i : Não podemos apagar da mente o condicionamento passado e começar de novo.

Mas podemos estar apercebidos do que mantém o mêdo, o ódio. Podemos estar apercebidos das causas e reações psicológicas que nos impedem de agir integralmente. O passado está nos dominando com as suas crenças, esperanças, temores, conclusões, memórias; isto nos impede a ação integral. Não podemos apagar o passado, pois a mente, em sua essência, pertence-lhe. Mas estando apercebidos das acumulações do passado, e dos seus efeitos no presente, começaremos a libertar-nos, sem violência, dos valores que mutilam a mente e o coração.

É isto, o passado com as suas influências dominantes, seus temores, um agudo problema para vós, pessoalmente?

A vida tal como é, produzindo guerras, ódios, divisões, destruindo a unidade — é isto

um problema para vós? Se é, então, como sois parte dela, sómente a compreendereis através dos vossos próprios sofrimentos, ambições, temores. Vós sois o mundo e o seu problema é o vosso problema íntimo. Se é um problema cruciante, como espero seja para cada um de vós, então jamais fugireis para quaisquer teorias, explicações, "fatos", ilusões. Mas isto requer grande vigilância, o indivíduo tem de estar intensamente apercebido; por isso preferimos o caminho mais facil, o caminho da fuga.

Como podeis solucionar êste problema se a vossa mente e o vosso coração estão sendo afastados dêle?

Não digo que êste problema seja simples. É complexo. Assim, tendes de lhe dar a vossa mente e o vosso coração. Mas como lhe podereis dar todo o vosso ser, se lhe estais fugindo, se estais sendo desviado por meio das várias fugas que a mente estabeleceu para si mesma?

Interrogante: Mas não percebemos isso no momento da fuga.

Krishnamurti: Estamos tentando compreender-nos, expôr os ângulos ocultos da mente, para ver as várias fugas, de modo que espontaneamente possamos encarar a vida, profunda e integralmente. Qualquer modo de do-

minar um hábito por outro, dominar o ódio pelas virtudes, é uma substituição, e o cultivo dos opostos não afasta as qualidades de que nos desejamos libertar. Temos de perceber o ódio, não como a antitese do amor, mas como sendo em si mesmo venenoso, um mal.

Interrogante: Pensais que podemos distinguir as diferentes fugas? Poderemos saber que o ódio é venenoso, e ao mesmo tempo saber que continuamos com êle. Mas penso que se o compreendêssemos plenamente, então teríamos de estar dispostos a abandonar tudo: lar, espôsa, tôdas as cousas; teríamos de estender-lhes a mão, dizer-lhes adeus, e entrar para um campo de concentração.

Krishnamurti: Não penseis nas consequências da falta de ódio, mas considerai se podeis libertar-vos dêle. Dizei-vos que sois incapazes de vos desembaraçar do ódio?

Interr.ogante: Podemos apenas tentar; não sabemos.

Krishnamurti: Por que dizeis que não sabeis?

Interrogante: Por que êste não é o nosso problema atual.

Krishnamurti: Embora o ódio exista no mundo, em vós e ao vosso derredor, ainda assim, afirmais que não é um agudo problema para vós. Não estais conciente dêle. Por que não o estais? Ou porque estais livre dêle, ou tanto vos tendes entrincheirado, tão astutamente protegido, que não sentís mêdo, nem ódio, porque estais certo da vossa própria segurança.

Interrogante: Não sentimos ódio neste momento.

Krishnamurti: Quando não estais aquí, então o sentís, então é um problema para vós. Aquí tendes-lhe momentaneamente fugido, mas o problema ainda existe. Não podeis fugir-lhe, seja aquí ou em qualquer outro lugar. Êle é um problema para vós, quer o queirais ou não. Embora seja um problema, vós o afastastes, tornastes-vos inconciente dêle. Eis porque dizeis não saber como agireis com relação a êle.

Interrogante: Muitas vezes desejaríamos que a própria vida agisse diretamente,

e afastasse de nós as cousas que estimamos embora reconhecendo-lhes o pouco valor. É isto também uma fuga?

Krishnamurti: Algumas pessoas parecem aliviadas em tempo de guerra. Elas não teem responsabilidades; suas vidas são dirigidas pelo Departamento de Guerra. Nisto reside uma das múltiplas razões porque a autoridade, temporal ou espiritual, floresce e é adorada. A morte é preferida à vida.

Fomos acostumados a pensar que o ódio é inevitável, que devemos passar por êsse estágio, que é parte da hereditariedade e do instinto humanos.

Estamos habituados a pensar que não nos podemos libertar imediatamente do ódio; que precisamos passar por alguma espécie de disciplina afim de dominá-lo. Há, assim, um processo dual que ocorre dentro de nós, violência e paz, ódio e afeição, cólera e bondade.

O nosso esfôrço tende a reunir essas duas fôrças separadas, ou a dominar uma pela outra, ou a concentrar-se em uma de modo que a sua oposta possa desaparecer.

Qualquer esfôrço que façais para destruir o ódio pelo amor é em vão, pois, a violência, o temor, revelam-se sob outra forma. Temos de penetrar mais profundamente, além da mera

disciplina; temos de descobrir porque existe em nós esta dualidade do ódio e da afeição. Enquanto não cessar êsse processo dual, o conflito dos opostos tem de continuar.

Interrogante: Talvez o ódio realmente não me pertença.

Interrogante: É o nosso amor tão pobre assim?

Krishnamurti: Estas perguntas são bem reveladoras, mostram como a mente está condicionada.

Qualquer esfôrço que a mente faça, deve ser parte daquilo de que ela se está tentando libertar.

A mente conclue que não vale a pena odiar, pois descobriu que há muito maior sofrimento envolvido nisso, e, assim, faz esfôrço para disciplinar-se, para dominar o ódio pelo amor, para subjugar a violência e o mêdo pela paz. Tudo isto indica o simples desejo fundamental de meramente fugir ao sofrimento; isto é, resguardar-se nas virtudes e qualidades que não lhes ocasionam dôr, que não causam perturbações. Até que êsse desejo, êsse anelo de segurança auto-protetora cesse, o mêdo tem de continuar,

com tôdas as suas consequências. A mente não pode desembaraçar-se dêle. Na sua tentativa para fazê-lo, ela cultiva os opostos, que são parte do próprio mêdo. Assim, a mente divide-se, cria dentro de si um processo dual. Todo esfôrço por parte da mente tem de manter essa dualidade, embora possa desenvolver tendências, características, virtudes, para dominar essa mesma dualidade.

Interrogante: Não compreendo bem como a mente se dividiu em amor e ódio.

Krishnamurti: Há o bem e o mal, a luz e a treva. A luz e a treva não podem co-existir. Uma destrói a outra.

Se a luz é luz, então a treva, o mal, cessa de existir. O esfôrço é desnecessário, êle é inexistente então. Mas nós estamos em um estado de esfôrço contínuo, porque o que para nós é luz, não *é* luz, é sòmente a luz, o bem o intelecto.

Estamos fazendo esfôrço constante para dominar, para adquirir, para possuir, para sermos desprendidos, para desenvolver-nos. Há momentos de claridade no meio da confusão envolvente. Desejamos esta claridade e apegamo-nos a ela, esperando que dissolva os desejos em conflito. Êste desejo de claridade, êste desejo de dominar uma qualidade com outra, é perda

de energia; porque a vontade que anseia, a vontade que domina, é a vontade do sucesso, da satisfação, a vontade da segurança. Esta vontade deverá sempre continuar a criar e manter o mêdo, embora asseverando estar procurando a verdade, Deus. Sua claridade é a da fuga, da ilusão, mas não a claridade da realidade.

Quando a vontade se destrói, espontaneamente, há então esta verdade que está além de todo esfôrço. O esfôrço é violência; o amor e a violência não podem coexistir.

O conflito em que existimos não é uma luta entre o bem e o mal, entre o eu e o não-eu. A luta está em nossa própria dualidade autocriada, entre os nossos vários desejos auto-protetores. Não pode haver conflito entre a luz e a treva; onde há luz, não há treva. Enquanto o mêdo existe, o conflito tem de continuar, ainda que êsse mêdo possa difarçar-se sob diferentes nomes. E como o mêdo não pode, de modo nenhum, libertar-se, pois todos os seus esfôrços brotam da sua própria fonte, é preciso haver a cessação de tôdas as salvaguardas intelectuais. Esta cessação vem espontaneamente, quando a mente revela a si mesma o seu próprio processo. Isto ocorre sómente quando há apercebimento integral, que não é o resultado de uma disciplina, ou de um sistema moral ou econômico, ou da compulsão.

Cada um tem de se tornar apercebido do processo da ignorância, das ilusões que criou. O intelecto não vos afastará dêste caos, confusão e sofrimento presentes. A razão deve exhaurir-se, não pela retração, mas pela compreensão e pelo amor integrais da vida.

Quando o raciocínio não tiver mais a capacidade de proteger-vos com explicações, fugas, conclusões lógicas, então, quando houver completa vulnerabilidade, desnudamento absoluto de todo o vosso ser, haverá a chama do amor.

Sómente a verdade libertará cada um da tristeza e da confusão da ignorância.

A verdade não é o resultado final da experiência, é a vida mesma. Ela não é o amanhã, não é de tempo algum. Não é um resultado, uma consecução, mas a cessação do mêdo, do querer.

SEGUNDA PARTE

ACAMPAMENTO DE OMMEN

1938

I

Tentastes alguma vez comunicar a um amigo algo que sentíeis mui profundamente? Devíeis ter achado isso muito difícil, por mais íntima que fôsse essa amizade. Podeis imaginar como é difícil compreendermo-nos aquí, pois as nossas relações são peculiares. Não há essa amizade que é essencial para comunicação e entendimento profundos. A maioria de nós tem a atitude ou de um discípulo para com o professor, ou de um seguidor, ou de quem tenta forçar-se a um ponto de vista particular, e a comunicação torna-se muito difícil. A complicação é maior se tendes atitude propagandista, se vindes meramente para propagar certas idéias

de uma seita ou sociedade particular, ou uma ideologia popular no momento. A livre comunicação só é possível quando ambos, quem ouve e quem fala, pensam juntos sôbre o mesmo ponto.

Durante estes dias de acampamento não deveria haver ésta atitude de mestre e discípulo, de condutor e conduzido, mas antes uma intercomunicação amistosa que será impossível, se a mente estiver presa a alguma crença ou ideologia. Jamais pode haver amizade entre condutor e seguidor, e, portanto, a profunda comunicação entre ambos se torna impossível.

Estou falando de algo que, para mim, é real, em que encontro alegria, e vos será de muito pouco significado se estiverdes pensando em algo inteiramente diverso. Se, de algum modo, pudermos ir além destas absurdas relações, que estabelecemos através da tradição e da lenda, através da superstição e de tôda espécie de fantasias, então talvez sejamos capazes de compreendermo-nos uns aos outros mais naturalmente.

O que quero dizer parece muito simples, pelo menos a mim, mas quando estes pensamentos e sentimentos são expressos em palavras, tornamse complicados. A comunicação torna-se mais difícil quando vós, com vossos preconceitos particulares, vossas superstições e barreiras, tentais perceber o que procuro dizer, em vez de ten-

tardes aliviar as vossas mentes destas perversões que impedem a compreensão completa — a única que pode produzir uma atitude crítica e afetuosa.

Como sabeis, êste acampamento não se destina a fins de propaganda, seja da Direita ou da Esquerda, ou de qualquer sociedade ou ideologia particular. Sei que há muitos que aquí veem regularmente para fazer propaganda das sociedades a que pertencem, da sua nacionalidade, da sua igreja, etc. Assim, eu vos pediria seriamente que não vos entregásseis a esta espécie de passatempo. Estamos aquí para propósitos mais sérios. Os que teem queda por essa espécie de divertimento, teem bastantes oportunidades em outros lugares. Aquí, pelo menos, tentemos descobrir o que individualmente pensamos e sentimos, então, talvez principiemos, a compreender o caos, o ódio que existe dentro de nós, e ao nosso derredor.

Cada um de nós tem muitos problemas: se deveria tornar-se pacifista, ou até onde deveria ir em direção ao pacifismo; se deveria lutar pelo seu país; problemas sociais econômicos, e problemas de crença, conduta e afeição. Não vou dar uma resposta que resolva imediatamente estes problemas. Mas o que desejaria fazer seria indicar uma nova maneira de tratá-los, de modo que quando estivésseis enfrentando estes problemas de nacionalismo, guerra, paz, explo-

ração, crença, amor, seríeis capaz de os defrontar integralmente e de um ponto de vista que é real.

Assim, por favor, não espereis, no início destas palestras, uma solução imediata para os vossos vários problemas. Sei que a Europa é um perfeito manicômio, em que se fala da paz e, ao mesmo tempo, há preparação para a guerra; em que fronteiras e nacionalismo são fortalecidos e, ao mesmo tempo, se fala da unidade humana; fala-se de Deus, do amor, e ao mesmo tempo o ódio se desencadeia. Isto não é apenas o problema do mundo, mas o vosso próprio problema, porque o mundo sois vós.

Para encarar estes problemas, tendes de estar incondicionalmente livre. Se de algum modo estiverdes limitado, isto é, se de algum modo tendes mêdo, não podeis resolver nenhum dêstes problemas. Sòmente na liberdade incondicionada há verdade; isto é, sòmente na liberdade podeis ser verdadeiramente vós mesmo. Ser integral, em todo o seu próprio ser, é estar incondicionado. Se de algum modo, por qualquer meio tendes dúvida, ansiedade, mêdo, isto cria a mente condicionada que obsta a solução última dos múltiplos problemas.

Quero explicar o modo de vos aproximardes da liberdade dos temores condicionantes, afim de que possais ser vós próprio em tôdas as ocasiões e sob tôdas as circunstâncias. Êste

estado sem mêdo é possível, sòmente nele pode haver êxtase, realidade, Deus. A não ser que se esteja plena, integralmente livre do mêdo, os problemas apenas aumentam e se tornam sufocantes, sem nenhum significado ou propósito. É isto o que desejo dizer: que só na liberdade incondicionada há verdade, e sermos completamente nós mesmos, integrais em todo o nosso ser, é estarmos incondicionados, o que revela a realidade.

Assim, o que é — sermos nós mesmos? E podemos ser nós mesmos em tôda ocasião? Sòmente o podemos ser em tôda ocasião, quando estamos fazendo alguma cousa que realmente amamos; e se amamos completamente. Quando fazeis algo que não podeis deixar de fazer com todo o vosso ser, estais sendo vós próprio. Ou quando amais a outrem completamente, neste estado sois vós próprio, sem nenhum temor, sem nenhum obstáculo. Nestes dois estados somos completamente nós mesmos.

Assim, temos de descobrir o que fazemos com amor. Estou usando a palavra "amor" deliberadamente. O que é que fazeis com amor, com todo o vosso ser? Não o sabeis. Não sabemos o que é sensato e o que é insensato fazer, e a descoberta do que é sensato e do que é insensato constitue todo o processo de viver. Não ireis descobrí-lo em um piscar de olhos.

Mas como se descobrirá isto? Poderá ser descoberto — o que é sensato e o que é insensato — mecanicamente, ou espontaneamente? Quando fazeis algo, com todo o vosso ser, em que não há sentimento de frustação ou mêdo, nenhuma limitação, neste estado de ação sois vós próprio, independente de qualquer condição exterior. Digo, se puderdes chegar a êste estado, quando sois vós próprio na ação, então descobrireis o êxtase da realidade, Deus.

Pode êste estado ser mecanicamente atingido, cultivado, ou surge espontaneamente? Explicarei o que entendo por processo mecânico. Tôda ação imposta pelo exterior tem de ser formadora de hábitos, tem de ser mecânica, e, portanto, não espontânea. Podeis descobrir o que é ser vós mesmo, através da tradição?

Permití-me fazer aquí uma pequena digressão e dizer que tentaremos, como fizemos no ano passado, falar destas idéias durante as reuniões seguintes. Tentaremos tratar dos vários pontos, não argumentando um com o outro, mas descobrindo de maneira amigável o que individualmente pensamos sôbre estas cousas. Em minha primeira palestra desejo dar um ligeiro esbôço do que, para mim, é o verdadeiro processo de viver.

Podeis ser vós mesmo se o vosso ser está, de qualquer modo, afetado pela tradição? Ou

podeis-vos encontrar através do exemplo, através do preceito?

Interrogante: Que é preceito?

Krishnamurti: Através de um preceito, através de um dito — que mau é tudo que divide e bom tudo que une — por meramente seguir um princípio, podeis ser vós mesmo? Poderá o viver de conformidade com um padrão condutor, com um ideal, seguindo-o implacavelmente, meditando sôbre êle, trazer-vos à descoberta de vós mesmo? Pode o que é real ser percebido através da disciplina ou da vontade? Isto é, pela compulsão, pelo esfôrço do intelecto, curvando, controlando, disciplinando, guiando, forçando o pensamento em uma direção particular, podeis conhecer-vos? E podeis conhecer-vos por meio de padrões de conduta; isto é, preconcebendo um modo de vida, do que é bom, o ideal, e seguindo-o constantemente, torcendo o vosso pensamento e o vosso sentimento aos seus ditames, afastando tudo o que considerais mau, e cruelmente seguindo o que considerais bom? Revelar-vos-á êste processo, qualquer que êle seja, o que realmente sois? Podeis descobrir-vos pela compulsão? Êste desapiedado domínio das dificuldades pela vontade, pela disciplina, é uma forma de com-

pulsão — êste sufocar e resistir, uma resistência e uma renúncia.

Tudo isto é o esfôrço da vontade, que considero mecânico, um processo do intelecto. Podeis conhecer-vos pelo emprêgo dêstes meios — por intermédio dêstes meios mecânicos? Todo esfôrço, mecânico, ou da vontade, é formador de hábitos. Através da formação de hábitos podeis ser capazes de criar certo estado, realizar certo ideal em que podeis considerar serdes vós próprio, mas como é o resultado de um esfôrço intelectual, ou do esfôrço da vontade, é inteiramente mecânico e porisso não verdadeiro. Pode êste processo produzir a compreensão de vós próprio, do que sois?

Há, então, o outro estado, que é espontâneo. Podeis conhecer-vos sòmente quando estiverdes despreocupado, quando não estiverdes calculando, nem protegendo, nem constantemente observando para guiar, para transformar, para subjugar, para controlar; quando vos virdes inesperadamente, isto é, quando a mente não tiver preconcepções com relação a si mesma, quando estiver aberta, não preparada para defrontar o desconhecido.

Se a vossa mente está preparada, por certo não podeis conhecer o desconhecido, pois vós sois o desconhecido. Se vos disserdes, "Sou Deus", ou, "Não passo de um agrupamento de influências sociais, ou de um feixe de qualida-

des" — se tiverdes qualquer preconcepção de vós próprio, não podeis compreender o desconhecido, o que é espontâneo.

Assim, a espontaneidade só pode surgir quando o intelecto não se está defendendo, quando não se está protegendo, quando já não teme por si; e isto só pode suceder partindo do interior. Isto é, o espontâneo deve ser o novo, o desconhecido, o incalculável, o criativo, o que deve ser expressado, amado, em que a vontade, como processo do intelecto, controlando, dirigindo, não toma parte. Observai os vossos próprios estados emocionais e vereis que os momentos de grande alegria, de grande êxtase, não são premeditados; êles acontecem, misteriosa, obscura, desconhecidamente. Quando passados, a mente deseja re-criá-los, recapturá-los e assim dizei-vos: "Se posso seguir certas leis, formar certos hábitos, agir dêste e não daquele modo, então terei aqueles momentos de êxtase novamente".

Há sempre guerra entre o espontâneo e o mecânico. Por favor, não adapteis isto para enquadrar-se em vossos têrmos religiosos, filosóficos. Para mim, o que estou dizendo é vitalmente novo e não pode ser torcido, para se adaptar aos vossos preconceitos particulares do eu superior e inferior, do transitório e do permanente, do eu e do não-eu, e assim por diante. A maioria de nós, infelizmente, quase destruiu

esta espontaneidade, esta alegria criativa do desconhecido, a única de que pode resultar ação sábia. Temos perseverantemente cultivado, através de gerações de tradição, de moralidade baseada na vontade, de compulsão, a atitude mecânica da vida, chamando-a pelos nomes mais bem sonantes; em essência isto é puramente mecânico, intelectual. O processo da disciplina, da violência, do domínio, da resistência, da imitação, — tudo isto é a resultante do desenvolvimento do mero intelecto, que tem as suas raizes no mêdo. O mecânico está acabrunhadoramente dominante em nossas vidas. Nele está baseada a nossa civilização e a nossa moralidade — e em raros momentos, quando a vontade está adormecida, esquecida, há a alegria do espontâneo, do desconhecido.

Digo que só neste estado de espontaneidade podeis perceber o que é a verdade. Sòmente neste estado pode haver ação sábia, não a ação da moralidade calculada, ou da vontade.

As várias formas de disciplinas moral e religiosa, as inúmeras imposições das instituições sociais e éticas, são apenas o resultado de uma atitude mecânica, cuidadosamente cultivada com relação à vida, que destrói a espontaneidade e produz a destruição da verdade.

Através de nenhum método — e todos os métodos devem inevitavelmente ser mecânicos — podeis desemaranhar a verdade do vosso pró-

prio ser. Ninguém pode, por modo algum, forçar a espontaneidade. Nenhum método vos dará a espontaneidade. Todos os métodos apenas criam reações mecânicas. Nenhuma disciplina produz .. alegria espontânea do desconhecido. Quanto mais vos esforçardes para ser espontâneo, tanto mais a espontaneidade se afasta e se torna oculta e obscura, e menos pode ser compreendida. E, entretanto, é isto que estais tentando fazer quando seguís disciplinas, padrões, ideais, condutores, exemplos, e assim por diante. Tendes de vos aproximar dela negativamente, não com a intenção de capturar o desconhecido, o real.

Está cada um apercebido do processo mecânico do intelecto, da vontade, que destrói o espontâneo, o real? Não podeis responder imediatamente, mas podeis começar a pensar sôbre o intelecto, sôbre a vontade, e especialmente sentir a sua qualidade destrutiva. Podeis perceber a natureza ilusória da vontade, não através de qualquer uma compulsão, nem através de nenhum desejo de conseguir, de atingir, de compreender, mas sòmente quando o intelecto se permitir ser despido de tôdas as suas envolturas de proteção.

Podeis conhecer-vos sòmente quando amardes completamente. Isto, novamente, constitue todo o processo da vida, não para ser colhido em alguns momentos, de algumas palavras mi-

nhas. Não podeis ser vós mesmo quando o amor é dependente. Não há amor quando há apenas a auto-satisfação, ainda que seja mútua. Não há amor quando há restrição; não há amor quando apenas se trata de um meio para atingir a um fim; quando há apenas sensação. Não podeis ser vós mesmo quando o amor está sob o jugo do mêdo; há então mêdo, não amor, que se está expressando por vários modos, embora possais disfarçá-lo, chamando-o amor. O mêdo não vos permite ser vós mesmo. O intelecto apenas guia o mêdo, controla-o, porém jamais pode destruí-lo, porque o intelecto é a própria causa do mêdo.

Desde que o mêdo não vos permite ser vós próprio, como, então, se pode dominar êste mêdo — mêdo de tôdas as espécies, não de um tipo particular? Como nos podemos libertar dêste mêdo, de que podemos estar concientes ou inconcientes? Se estais inconciente do mêdo, tornai-vos conciente dêle; tornai-vos apercebido dos vossos pensamentos e das vossas ações e cêdo estareis conciente do mêdo. E se estais conciente, como ireis libertar-vos dêle? Ireis livrar-vos do mêdo mecanicamente, por meio da vontade; ou, começará êle a dissolver-se por i mesmo, espontaneamente? O processo mecânico ou da vontade, pode apenas ocultá-lo cada vez mais, guardá-lo, e cuidadosamente restringí-lc, permitindo apenas as reações da moralidade

controlada. Sob êste padrão de comportamento controlado, o mêdo sempre continua. Êste é o resultado inevitável do processo mecânico da vontade, com as suas disciplinas, desejos, controlos, e assim por diante.

Enquanto não nos libertamos do mecânico, não pode haver o espontâneo, o real. Ansiando pelo real, por esta chama que brota do interior, não podeis produzí-la.

O que vos libertará do mecânico é a profunda observação do processo da vontade, sendo uno com êle, sem nenhum desejo de vos libertardes dêle. Presentemente, observais a atitude mecânica em relação à vida, com o desejo de vos desembaraçardes dela, de alterá-la, de transformá-la. Como *podeis* transformar a vontade, quando o desejo é da própria vontade?

Tendes de estar apercebido de todo o processo da vontade, do mecânico, com as suas lutas, as suas fugas, as suas misérias; e como o fazendeiro deixa o solo sem cultivo depois da colheita, assim tendes de vos deixar ficar silenciosos, negativos, sem nenhuma espectativa. Isto não é fácil. Se na esperança de atingir o real, mecanicamente vos deixardes ficar silenciosos, vos forçardes a ser negativo, então o mêdo é a recompensa. Como já disse, esta vacuidade criativa não é para que empós dela se corra, ou para ser procurada por caminhos errantes. Ela deve acontecer. A verdade é. Ela

não é o resultado da moralidade organizada porque a moralidade baseada na vontade não é moral.

Temos muitos problemas tanto individuais como sociais, e para estes problemas não há solução pelo intelecto, pela vontade. Enquanto o processo da vontade continua, sob qualquer forma, tem de haver confusão e tristeza. Através da vontade, não podeis conhecer-vos, nem pode haver o real.

II

Podeis recordar-vos de que eu tentava explicar a diferença entre a espontaneidade e a ação mecânica, a mecanica sendo a moralidade da vontade e a espontânea aquela que brota da profundeza do nosso próprio ser. Esta manhã falarei sôbre uma ou duas cousas concernentes a isto, e depois as discutiremos.

Eu estava dizendo que o mêdo, sob qualquer forma, cria o hábito, que impede a liberdade incondicionada, a única em que há realidade, a única em que a integridade pessoal pode existir. O mêdo impede a espontaneidade.

Ora, seria quase ridículo e impossível considerar o que é ser espontâneo, ou julgar quem é espontâneo e quem não o é, e considerar também as qualidades, os característicos da espontaneidade. Cada um saberá o que é ser espontâneo, ser real, quando houver a condição interna adequada. Sabereis por vós próprio quando

fôrdes verdadeiramente espontâneo, quando fôrdes realmente vós mesmo. Julgar outrem para verificar se êle é espontâneo, significa realmente que tendes um padrão de espontaneidade, o que é absurdo. O julgamento do que é espontâneo revela a mente que apenas reage mecanicamente aos seus próprios hábitos e padrões morais.

Assim, é futil e perda de tempo, conducente à mera opinião, considerar o que é ser real, espontâneo, ser — se a si mesmo. Tais considerações conduzem à ilusão. Vamos ocupar-nos com o que constitue a condição necessária que revelará o real.

Ora, qual é verdadeira condição? Não há tal divisão como condição *interna* e *externa;* apenas as estou dividindo em interna e externa para fins de observação, para compreendê-las mais claramente. Esta divisão não existe na realidade.

Sòmente do estado interno reto é que as condições externas podem ser modificadas, melhoradas e fundamentalmente transformadas. Partindo do meramente superficial, isto é, do *externo,* para criar as condições adequadas, pouco significado terá para a compreensão da verdade, de Deus.

É preciso compreender o que é a verdadeira condição interna, mas não por qualquer compulsão externa, ou autoridade. A profunda modificação interna lidará sempre inteligente-

mente com as condições exteriores. De uma vez por tôdas, percebamos plenamente a importância dessa necessária modificação interna e não confiemos meramente na alteração das circunstâncias externas. São sempre os motivos e as intenções internas que modificam e controlam o exterior. Motivos, desejos, não são fundamentalmente alterados pelo simples domínio do exterior.

Se um homem é interiormente pacífico e afetuoso, sem ganância, por certo êste homem não precisa de leis que lhe imponham a paz, nem de polícia para regular a sua conduta, nem de instituições para manter sua moralidade. Temos dado atualmente grande importância ao exterior, para manter a paz; através de instituições, leis, polícia, exército, igrejas, e assim por diante, procuramos manter uma paz que não existe. Pela imposição e pela dominação, opondo violência à violência, esperamos criar um estado pacífico.

Se realmente compreenderdes isto, profunda, honestamente, então vereis a importância de não tratar os muitos problemas da vida como o externo e o interno, mas somente do ponto de vista compreensivo e integral.

Portanto, qual é a condição interna necessária para sermos nós mesmos, para sermos espontâneos? A primeira condição interna necessária, é que o mecanismo formador de hábitos

deve cessar. Qual é a fôrça motriz atrás dêste mecanismo?

Antes de responder a isto devemos primeiramente descobrir se os nossos pensamentos e sentimentos são o resultado do mero hábito, da tradição, e se estão seguindo ideais e princípios. A maioria de nós, se pensar realmente sôbre o assunto, de modo inteligente, honesto, verá que os nossos pensamentos e sentimentos usualmente surgem de vários padrões convencionados, sejam ideais ou princípios.

A continuação dêste hábito mecânico e de sua fôrça motora é o desejo de estar certo. Todo o mecanismo da tradição, da imitação, do exemplo, da construção de um futuro, do ideal, do perfeito e da sua consecução, provém do desejo de estar seguro; e o desenvolvimento de várias qualidades supostamente necessárias é para sua segurança, para o seu sucesso.

O desejo dá uma falsa continuidade ao nosso pensamento e a mente apega-se a essa continuidade cujas ações são apenas o seguimento de padrões, ideais, princípios, e o estabelecimento do hábito. Assim, a experiencia jamais é nova, fresca, alegre, criativa; e daí a extraordinária vitalidade das cousas mortas, do passado.

Tomemos agora alguns exemplos e vejamos o que quero dizer. Tomemos o hábito do nacionalismo, que se está tornando cada vez mais forte e cruel. Não é o nacionalismo, realmente,

um falso amor do homem? Aquele que é nacionalista de coração nunca poderá ser um ser humano completo. Para o nacionalista, o internacionalismo é uma mentira. Muitos insistem que se pode ser nacionalista e ao mesmo tempo não pertencer a nenhuma nação; isto é uma impossibilidade e apenas uma astúcia da mente.

Apegar-se a uma determinada parte da terra, impede o amor pelo todo. Tendo criado o falso e artificial problema do nacionalismo, procuramos resolvê-lo com argumentos astutos e complexos em favor da sua necessidade e manutenção por meio de armamentos, ódio e divisão. Tôdas estas respostas teem de ser inteiramente insensatas e falsas, pois o problema em si mesmo é uma ilusão e uma perversão. Compreendamos esta questão do nacionalismo, e a êste respeito, pelo menos, permaneçamos sãos em um mundo de arregimentação e insânia brutais.

Não é o amor organizado do próprio país, com seus ódios e afeições arregimentados, cultivados e impostos através da propaganda, dos condutores, meramente um interêsse rendoso? Não existe êsse pseudo-amor pela pátria porque alimenta o egoísmo individual por caminhos tortuosos? Tôda compulsão e gratificação devem inevitavelmente criar hábitos mecânicos que constantemente entram em conflito com a integridade e as afeições individuais. Precon-

ceito, ódio, temor, teem de criar divisão, que inevitavelmente produz a guerra; não apenas a guerra no íntimo do próprio indivíduo, mas também entre os povos.

Se o nacionalismo é apenas um hábito, que devemos fazer? Não possuir um passaporte, não vos liberta do hábito nacionalista. A mera ação superficial não vos liberta da brutal convicção íntima de uma superioridade racial particular. Quando vos defrontais com os sentimentos do nacionalismo, qual é a vossa reação? Sentís que são inevitáveis, que tendes de passar pelo nacionalismo para chegar ao internacionalismo; que tendes de passar pelo brutal para vos tornardes pacífico? Qual é o vosso raciocínio? Ou não raciocinais absolutamente, mas apenas seguís a bandeira porque há milhões fazendo esta cousa absurda? Por que estais todos tão silenciosos? Mas como estaríeis animados para discutir comigo sôbre Deus, a reincarnação ou as cerimônias!

Esta questão do nacionalismo está batendo à vossa porta, quer queirais ou não, e qual é a vossa resposta?

Interrogante: Não é possível considerar o nacioalismo como um progresso do provincialismo? E, por consequência, o primeiro passo para o internacionalismo?

I n t e r r o g a n t e : É a mesma cousa, certamente.

I n t e r r o g a n t e : Considero o nacionalismo uma extensão do provincialismo.

I n t e r r o g a n t e : Parece-me, senhor, que talvez deis demasiado realce à posição nacionalista. Parece-me que há hoje menos sentimento nacional em certos lugares do globo do que havia há cincoenta anos atrás, e que, à medida que o tempo corre, o sentimento nacional pode tornar-se menor entre cada vez maior número de pessoas, e que o internacionalismo pode então ter mais oportunidade. Penso que é muito importante dar tempo aos elementos moderados da população para que aumentem os seus pensamentos e sentimentos internacionais e impedir, se possível, alguma explosão que varreria o bem da presente civilização, juntamente com o mal.

K r i s h n a m u r t i : O ponto é êste, não é: podeis, em qualquer época chegar à paz pela violência — quer a chameis provincialismo, na cionalismo ou internacionalismo? Pode a paz ser conseguida através de etapas lentas? O amor não é uma questão de educação ou de tempo.

A última guerra foi travada pela democracia, creio, e vêde, estamos mais preparados para a guerra do que nunca, e os indivíduos estão menos livres. Por favor, não deis livre curso a meras argumentações intelectuais. Ou tomais os vossos sentimentos e pensamentos seriamente e os examinais profundamente, ou ficais satisfeito com superficiais respostas intelectuais.

Se pensais que estais procurando a verdade, ou criando no mundo relações humanas verdadeiras, o nacionalismo não é o meio; nem pode esta relação humana de afeição, de amizade, ser estabelecida por meio de canhões. Se amais profundamente, não há o um nem os muitos. Há apenas êsse estado de ser que é amor, em que pode existir o único, mas não é a exclusão dos muitos. Mas se vos dizeis que pelo amor de um haverá o amor dos muitos, então não estais em absoluto considerando o amor, porém apenas o resultado do amor, o que é uma forma do mêdo.

Tomemos outro exemplo do processo do mecanismo formador de hábitos, que destrói o viver criativo. Precisais tornar-vos novos, para compreender a realidade.

Tomemos a questão do modo porque tratamos as pessoas. Notastes como as tratais — quem julgais superior, com grande consideração, e o inferior com desdém ofensivo e indiferença? Notastes? *(Sim)* Isto é evidente neste Acampamento; o modo por que me tratais e o

modo por que tratais os vossos companheiros de acampamento, ou aqueles que auxiliam à execução dos trabalhos; a maneira por que vos portais com uma pessoa titulada e com uma pessoa comum; o respeito que tendes ao dinheiro e o que não tendes ao pobre, e assim por diante. Não é isto o resultado do mero hábito, da tradição, da imitação, do desejo de ter sucesso, do hábito de satisfazer a própria vaidade?

Por favor, pensai realmente sôbre isto e percebei como a mente vive e continua no hábito, embora afirmando que deve ser espontânea, livre. Qual é a vantagem de prestar-me atenção se a cousa evidente está escapando à vossa consideração? Estais silenciosos novamente, porque isto é um acontecimento comum em vossas vidas, e dêste modo ficais um pouco nervosos ao tratardes dêste assunto, pois não desejais ser expostos tão radicalmente.

Se existe êste hábito — e *é* meramente um hábito e não uma ação deliberada, conciente, exceto no caso de alguns poucos — quando dêle vos tornardes conciente, êle desaparecerá, se realmente amais todo êste processo de viver. Mas se não estais interessado, ouvir-me-eis e podeis ficar intelectualmente excitado por alguns minutos, mas continuareis no mesmo modo antigo. Mas aqueles de vós que se acham profundamente interessados, que gostam de compreender a verdade, a vós eu digo, observai

como êste ou qualquer outro hábito cria uma cadeia de memórias que se tornam cada vez mais fortes, até que sòmente permanece, o "eu"; o "mim". Êste mecanismo *é* o "eu" e enquanto existir êste processo não pode haver o êxtase do amor, da verdade.

Tomemos outro exemplo, o da meditação. Vejo agora que começais a tomar interêsse. O nacionalismo, a maneira de tratarmos as pessoas, o amor, a meditação — tôdas estas cousas fazem parte do mesmo processo; tôdas elas surgem da mesma origem, mas vamos examiná-los separadamente afim de os compreender melhor.

Talvez discutais comigo esta questão da meditação, pois a maioria de vós, de um ou outro modo, pratica esta cousa chamada meditação, não é? *(Sim* e *Não)* Alguns praticam; outros não. Aqueles de vós que a praticais, por que o fazeis? E aqueles de vós que não a praticais, por que não o fazeis? Aqueles que não meditam, qual é o motivo deles? Ou a sua atitude é de completa irreflexão, indiferença, ou teem mêdo de ficar envolvidos nessas ninharias, ou temem revelar-se a si próprios, ou há o temor de adquirir hábitos novos e inconvenientes, e assim por diante. Os que meditam, qual é o seu motivo?

Interrogante: Egoísmo.

Krishnamurti: Proferís essa palavra como explicação? Também vos posso dar uma explicação ótima, mas estamos tentando ir além das meras explicações. Estas, usualmente, paralizam o pensar. Que estamos tentando fazer ao discutir êste assunto? Estamos nos expondo. Estamos nos ajudando mutuamente a ver o que somos. Estais agindo como um espêlho para mim, e do mesmo modo eu para vós, sem distorsão. Mas se simplesmente oferecerdes e derdes uma explicação, apenas atirardes algumas palavras, embaciareis o espêlho, o que impede a percepção clara.

Estamos tentando descobrir porque meditamos e o que isto significa. Aqueles de vós que meditais, provavelmente o fazeis porque sentís que necessitais de certo equilíbrio e claridade, por meio da introspecção, para tratar dos problemas da vida. Assim, dedicais algum tempo para êsse propósito e esperais durante êste período entrar em contacto com algo real, que vos ajudará a guiar-vos durante o dia. Não é assim? *(Sim)*. Durante êste período começais a disciplinar-vos, ou durante todo o dia disciplinais os vossos pensamentos e sentimentos e, do mesmo modo, as vossas ações, de acôrdo com o padrão estabelecido naqueles poucos instantes da chamada meditação.

Interrogante: Não, considero-a um degráu na senda para a libertação do eu, um passo apenas.

Krishnamurti: Certamente dizeis a mesmo cousa que estou salientando, sòmente empregais as vossas próprias palavras. Podeis por meio da disciplina libertar o pensamento, libertar a emoção? É esta a questão que o interrogante levanta. Pode alguém disciplinar-se afim de se tornar espontâneo, de compreender o desconhecido, o real? A disciplina implica em um padrão, um molde que está modelando, e o que é verdade tem de ser o desconhecido e não pode ser atingido através do conhecido.

Interrogante: Penso que medito porque desejo conhecer-me, porque me temo, porque me odeio como odeio o meu próximo, e desejo conhecer-me para me proteger. Odeio o meu próximo e o amo. Odeio-o porque ameaça os meus hábitos, o meu bem-estar. Amo-o porque o desejo. Sou nacionalista porque tenho receio dos outros, além da fronteira. Protejo-me por todos os meios possíveis.

Krishnamurti: Dizeis que meditais afim de proteger-vos. *(Sim)* É isto, mas deve-

ríamos aprofundar-nos mais nesta questão da disciplina, não sòmente da disciplina imposta pelo mundo exterior, através das várias instituições de moralidade organizada, através de sistemas sociais particulares, mas também da disciplina que o desejo desenvolve.

A disciplina imposta pelo exterior, pela sociedade, pelos condutores, e assim por diante, deve inevitavelmente destruir o preenchimento individual; penso que isto é assás óbvio. Porque tal disciplina, compulsão, conformidade, apenas adia o problema inevitável do mêdo individual, com as suas múltiplas ilusões.

Ora, há muitas razões para nos disciplinarmos; há o desejo de proteger-nos de vários modos, pela consecução, pela tentativa de nos tornarmos mais sábios, mais nobres, pelo encontro de um Mestre, pelo nos tornarmos mais virtuosos, pela persecução de princípios, ideais, pelo desejar e ansiar pela verdade, pelo amor, etc. Tudo isto indica trabalho do mêdo e as razões nobres são apenas a cobertura dêste mêdo inato.

Dizei-vos mentalmente: "Para atingir Deus, para descobrir a realidade, para por-me em comunhão com o Absoluto, com o Cósmico" — conheceis tôdas as frases — "devo começar a disciplinar-me. Devo aprender a ser mais concentrado. Devo praticar o apercebimento, desenvolver certas virtudes". Quando estais asseverando estas coisas e vos disciplinando, que está

acontecendo aos vossos pensamentos e às vossas emoções?

Interrogante: Quereis dizer que é uma forma de auto-glorificação?

Interrogante: Estamos formando hábitos.

Krishnamurti: Suponhamos que alguém conceba um padrão do que é bom, ou êle lhe tenha sido imposto pela tradição, pela educação, ou que alguém tenha aprendido que mal é tudo o que divide; e se êste é o ideal, o padrão de conduta na vida, que alguém segue através da meditação, através da disciplina auto-imposta, então, o que está sucedendo aos seus próprios pensamentos e emoções? Êle os está forçando, violenta ou suavemente, a conformarem-se e, dêste modo, estabelecendo um hábito novo em lugar do velho. Não é assim? *(Sim).* Assim, o intelecto, a vontade, está controlando e modelando a moralidade; a vontade baseada no desejo de proteger-se. O desejo de proteger-se nasce do mêdo, que nega a realidade. O caminho da disciplina é o processo do mêdo, e o hábito criado pela chamada meditação destrói a espontaneidade, a revelação do desconhecido.

Interrogante: Não será possível formar-se um hábito de amor, sem perder a espontaneidade?

Krishnamurti: O hábito provém da mente, da vontade, cuja ação é apenas a de dominar o mêdo sem destruí-lo. As emoções são criativas, vitais, novas, e portanto, não podem ser transformadas em hábitos, por mais que a vontade tente dominá-las e controlá-las.

É a mente, a vontade, com os seus apêgos, desejos, temores, que cria o conflito entre si e a emoção. O amor não é a causa da miséria; são os temores, os desejos, os hábitos da mente que criam a dôr, a agonia do ciúme, a desilusão. Tendo criado o conflito e o sofrimento, a mente, com a sua vontade de satisfação, encontra razões, desculpas, fugas, que são chamadas por vários nomes — desapêgo, amor impessoal, e assim por diante. Devemos compreender todo o processo do mecanismo formador de hábitos, e não indagar qual seja a disciplina, o padrão ou o ideal melhor. Se a disciplina é coordenação, então não pode ser realizada pela compulsão, por meio de qualquer sistema. O indivíduo deve compreender a sua própria profunda complexidade e não apenas procurar um padrão para preenchimento.

Não pratiqueis disciplinas, nem sigais padrões ou meros ideais, mas estai apercebido do

processo da formação dos hábitos. Tende conciência dos velhos sulcos por onde a mente tem corrido, e também do desejo de formar outros novos. Experimentai isto seriamente; talvez possa haver maior confusão e sofrimento, porque a disciplina, as leis morais, teem apenas atuado no sentido de conter os desejos e propósitos ocultos. Quando estiverdes integralmente apercebido, com todo o vosso ser, desta confusão e sofrimento, sem qualquer esperança de fuga, então surgirá espontaneamente o que é real. Porém deveis amar, ficar entusiasmado pela própria confusão e sofrimento. Tendes de amar com o vosso próprio coração, não com o de outrem.

Se principiardes a experimentar convosco mesmo, vereis ocorrer uma curiosa transformação. No momento da maior confusão há claridade; no momento do maior mêdo há amor. Tendes de chegar a isto espontaneamente, sem o esfôrço da vontade.

Sugiro seriamente que experimenteis com o que venho dizendo e então começareis a ver o modo pelo qual o hábito destrói a percepção criativa. Mas isto não é cousa que possa ser desejada ou cultivada. Não se pode tatear à procura dela.

III

Venho tentando explicar qual a condição interna correta, em que podemos ser verdadeiramente nós mesmos; que enquanto o mecanismo formador de hábitos existir, não podemos ser nós mesmos, embora êste mecanismo seja considerado bom. Todo hábito deve impedir a clareza de percepção e ocultar a nossa própria integridade. Êste mecanismo foi desenvolvido como um meio de fuga, um processo de ocultar, de encobrir a nossa própria confusão e incertezas; foi desenvolvido para esconder a futilidade das nossas próprias ações e a rotina do trabalho, da ocupação; ou para fugir à vacuidade, à tristeza, à decepção, e assim por diante.

Estamos tentando escapar, fugir da ignorância e do mêdo, pela formação de hábitos que os contrabalançarão, que lhes resistirão — hábitos de ideais e de moralidade. Quando há

descontentamento, tristeza, o intelecto mecanicamente surge com soluções, explicações, tentativas de sugestões, que gradualmente se cristalizam e se tornam hábitos de pensamento. Assim o sofrimento e a dúvida são acobertados.

É o mêdo, portanto, a raiz dêsse mecanismo formador de hábitos. Devemos compreender o seu processo. Por compreender não quero significar apenas o mero apanhado intelectual, mas o tornar-se conciente dêle como um processo atual que está ocorrendo, não superficialmente, mas como algo que está acontecendo diariamente na nossa vida. O entendimento é um processo de auto-revelação, de estar apercebido, não apenas objetivamente, maquinalmente, mas como parte da nossa própria existência.

Afim de compreendermos êste mecanismo da fuga pelo hábito, temos primeiramente de descobrir o motivo oculto — o motivo que nos impele para certas ações, que trazem em seu rastro o que denominamos experiência. Enquanto não compreendermos a fôrça motora dêste mecanismo que cria a fuga, considerar apenas as fugas é de pouco valor.

A experiência é um processo de acumulação e de desnudamento, de revelação e de fortalecimento de antigos hábitos, de destruição e de construção do que chamamos a vontade. A experiência, ou fortalece a vontade, ou, em certos momentos, a destrói; ou constrói desejos com

finalidade, ou rompe os desejos que havíamos acumulado, apenas para criar outros. Neste processo de passar por experiências, de viver, há a formação gradual da vontade.

Ora, não há vontade divina, mas apenas a vontade simples, comum, do desejo: a vontade de obter sucesso, de estar satisfeito, de ser. Esta vontade é uma resistência, e é o fruto do mêdo que guia, escolhe, justifica, disciplina. Esta vontade não é divina. Ela não está em conflito com a chamada vontade divina, mas, devido à sua própria existência, é uma fonte de tristeza e de conflito, porque é a vontade do mêdo. Não pode haver conflito entre a luz e a treva; onde existe uma, não existe a outra. Por mais que gostemos de vestir esta vontade com a divindade, com princípios e nomes altissonantes, a vontade é, em sua essência, o resultado do mêdo, do desejo.

Alguns teem conciência desta vontade do mêdo, com tôdas as suas permutações e combinações. Talvez alguns percebam esta vontade como sendo mêdo e tentem destruí-la seguindo-lhe as múltiplas expressões e assim criando apenas outra forma de vontade, quebrando uma resistência apenas para criar outra.

Assim, antes de começarmos a pesquisar os meios e modos de destruir o mêdo pela disciplina, pela formação de novos hábitos, e assim por diante, devemos primeiramente compreender

o motivo motor que se encontra atrás da vontade. Já expliquei o que entendo por compreensão. Esta compreensão não é um processo intelectual, analítico. Não é assunto para a sala de visitas ou para o especialista, mas deve ser compreendida nas ações comuns, em nossas relações diárias. Isto é, o processo de viver revelar-nos-á, se estivermos completamente apercebidos, o funcionamento desta vontade, dêste hábito, o círculo vicioso de criar uma resistência após outra, a que podemos dar diferentes nomes — ideais, amor, Deus, verdade, e assim por diante.

O poder-motor que está por trás da vontade é o mêdo, e quando principiamos a compreender isto, o mecanismo do hábito intervem, oferecendo novas fugas, novas esperanças, novos deuses. Ora, é precisamente neste momento, quando a mente começa a interferir na compreensão do mêdo, que deve haver intenso apercebimento para não se ser desviado ou distraído pelas oferendas do intelecto, pois a mente é sutil e astuciosa. Quando há apenas mêdo, sem qualquer esperança de fuga, nos mais negros momentos, na mais completa solidão do mêdo, aí surge, como do interior de si próprio, a luz que o dissipará.

Qualquer tentativa que fizermos superficialmente, intelectualmente, para destruir o mêdo, através das várias formas de disciplinas ou de padrões de comportamento, apenas cria outras

formas de resistências; e é neste hábito que estamos presos. Quando perguntais como vos desembaraçar do mêdo, como destruir os hábitos, estais realmente encarando o problema do exterior, intelectualmente e, portanto, vossa pergunta não tem significação. Não podeis dissolver o mêdo pela vontade, pois esta é filha do mêdo ;tampouco pode êle ser destruido pelo "amor", porque se o amor é utilizado com o propósito de destruição, já não é amor, porém, um outro nome da vontade.

Interrogante: Por favor, o que é samadhi? *Os que o atingiram sustentam que é a verdadeira realização. Não é êle, ao contrário, apenas uma forma de suicídio, o resultado final de um sistema artificial? Não há nele uma completa ausência de tôda atividade criativa? Indicais a necessidade de sermos nós mesmos, enquanto que o* samadhi *é um mero suicídio, não é?*

Krishnamurti: Qualquer processo conducente à limitação, à resistência, a uma espécie de isolarmo-nos completamente para chegar a um estado intelectual ou ideal, é destruidor do viver criativo. Certamente isto é óbvio. Isto é, se alguém possue um ideal de amor — e todos os ideais teem de ser intelectuais e, portanto, mecânicos — e tenta praticá-lo, transformar o

amor em hábito, chegará certamente a um estado definido. Mas não é o de amor, é apenas um estado de consecução intelectual.

A persecução do ideal é tentada por todos os povos; os Indús fazem-n'a a seu modo, os Cristãos e outros grupos religiosos também o fazem. O mêdo cria o ideal, o padrão, o princípio, porque a mente procura satisfação. Quando esta satisfação é ameaçada, a mente foge para o ideal. Tendo o mêdo criado o padrão, molda o pensamento e o desejo, destruindo gradualmente a espontaneidade, o desconhecido, o criativo.

Interrogante: O maior mêdo que tenho é que a vida de outrem, ou a minha própria, seja estragada.

Krishnamurti: Não está cada um, a seu modo, destruindo a sua própria vida? Não estamos destruindo a nossa própria integridade? Pelos nossos próprios desejos, pelo nosso próprio condicionamento, estamos destruindo as nossas vidas individuais. Tendo o contrôlo de outrem e a capacidade de estragar a nossa própria vida, procedemos à deformação da vida de outrem, seja de uma criança, de um subordinado, ou de um vizinho.

Há instituições, governamentais e religiosas, às quais, voluntária ou involuntariamente, somos forçados a nos conformar. Assim, a que espécie de estrago se refere o interrogante? À deliberada perversão da própria vida individual, ou à deformação da vida de alguém por poderosas instituições? A nossa reação natural é dizer que as instituições, grandes e pequenas, estão corrompendo as nossas vidas. A nossa reação é pôr a culpa no que é exterior, nas circunstâncias.

Em outras palavras, estamos em um mundo de arregimentação, de compulsão, de técnica governamental astuciosa e de religiões organizadas para aniquilar o indivíduo — e que se deve fazer? Como deve agir o indivíduo? Gostaria saber quantos dentre vós vos teríeis feito seriamente esta pergunta. Alguns podem ter compreendido a brutalidade de tudo isto e se filiado a sociedades ou grupos que prometem alterar certas condições. Porém, no processo de alteração, a organização do partido, da sociedade, assumiu vastas proporções e tornou-se da máxima importância. E, dêste modo, o indivíduo fica novamente preso em suas engrenagens.

Como encarar esta questão? Do exterior ou do interior? Não há divisão em externo e interno, mas, apenas modificando o externo, não podemos modificar fundamentalmente o interno Se tendes conciência de que estais arruinando

a vossa própria vida, como podeis vos dirigir a uma instituição, ou a um padrão externo, para que vos auxilie?

Se sentirdes profundamente que a violência, sob qualquer forma, pode apenas levar à violência, embora não possais parar as guerras, sereis pelo menos um centro de sanidade, como um médico no meio da doença. Assim, do mesmo modo, se perceberdes integralmente de que maneira estais estragando a vossa vida, esta percepção mesma começará a corrigir as cousas que estão deformadas. Tal ação não é fuga.

Interrogante: Devemos retornar ao passado? Devo ter conciência do que tenho sido? Devo conhecer meu karma?

Krishnamurti: Em estando apercebido, tanto o passado como o presente são revelados, o que não constitue um processo misterioso, mas em tentando compreender o presente, os temores e as limitações passadas são revelados.

Karma é uma palavra sânscrita cujo verbo significa agir. Uma filosofia de ação foi criada em tôrno da idéia central, "Conforme semeardes, assim colhereis", mas não necessitamos tratar disto agora. Vemos que qualquer ação nascida da idéia de recompensa ou de castigo

tem de ser limitadora, pois tal ação surge do mêdo. A ação ou traz claridade ou confusão, dependendo do condicionamento individual. Se formos criados adorando o sucesso, seja aquí ou na chamada esfera espiritual, tem de haver a busca de recompensa com os seus temores, esperanças, que condicionam tôda ação, todo viver. O viver então se torna um processo de aprendizado, de constante acúmulo de conhecimento. Por que acumulamos êsse chamado conhecimento?

Interrogante: Não devemos ter em nós mesmos certa norma de ação?

Krishnamurti: Agora chegamos à pergunta fundamental: devemos viver de acôrdo com padrões, sejam externos ou internos? Nós facilmente reconhecemos os padrões externos como compulsórios e, portanto, obstando o preenchimento individual. Voltamo-nos para um padrão interno que cada um criou através da ação e reação, através do julgamento dos valores, dos desejos, das experiências, dos temores, e assim por diante. Em que está baseado êsse padrão interno, embora esteja constantemente variando? Não está êle baseado no desejo autoprotetor e nos seus múltiplos temores? Êstes desejos e temores criam um padrão de comportamento, de moralidade, e o mêdo é o padrão

constante, assumindo formas diferentes sob diferentes condições. Há os que se abrigam na fórmula intelectual, "a vida é una", e outros no amor de Deus, que é também uma fórmula intelectual, e as transformam em padrões, em princípios, para sua vida diária. A moralidade da vontade não é moral, porém a expressão do mêdo.

IV

Cada um de nós tem um peculiar e particular problema próprio. Alguns se preocupam com a morte, com o mêdo da morte e com o que sucederá no além; alguns estão tão solitários em suas ocupações que buscam o meio de dominar essa vacuidade; alguns estão repletos de tristeza; alguns teem a rotina e o aborrecimento do trabalho, e outros o problema do amor, com as suas complexidades. Como podem todos êsses problemas, ou o problema particular de cada um, ser solucionados? Há apenas um problema, ou vários e distintos problemas? Tem cada um deles de ser solucionado separadamente, desligado dos outros, ou devemos seguir cada problema, e, assim, chegar a um problema único? Haverá, então, sòmente um problema, e seguindo cada dificuldade chegaremos ao problema único, através do qual, se o compreendermos, resolveremos os outros?

Há sòmente um problema fundamental, que se expressa de vários modos diferentes. Cada um de nós está conciente de uma dificuldade particular e deseja lutar contra essa dificuldade por si mesmo. Solucionando a dificuldade peculiar individual, poder-se-á eventualmente chegar ao problema central, mas, durante o processo de chegar até aí, a mente exauriu-se obteve conhecimento, fórmulas, padrões, que realmente bloqueiam a sua compreensão do único problema central. Alguns de nós procuram seguir o problema até à sua origem, e, no processo do exame e da análise, estamos aprendendo, acumulando o chamado conhecimento. Êste conhecimento gradualmente se transforma em fórmulas, padrões. A experiência tem-nos dado memórias e valores que guiam e disciplinam e que devem inevitavelmente condicionar.

Ora, são estes padrões e memórias autoprotetores, êste conhecimento armazenado, estas fórmulas, que nos impedem de perceber o problema fundamental e resolvê-lo. Se nos defrontamos com uma experiência vital e tentamos compreendê-la baseados em memórias mortas, em valores, simplesmente a pervertemos, absorvendo-a na acumulação morta do passado.

Afim de resolver êste problema do viver, tendes de ter mente viçosa, nova. Um novo nascimento deverá ocorrer. A vida, o amor, a realidade são sempre novos e são necessários mente

e coração viçosos para compreendê-los. O amor é sempre novo, mas êste frescor é estragado pelo intelecto mecânico, com as suas complexidades, ansiedades, ciúmes, e assim por diante.

Somos nós feitos de novo, há um novo nascimento cada dia? Ou estamos apenas desenvolvendo a capacidade de resistência pela vontade, pelo hábito, pelos valores?

Estamos apenas fortalecendo a vontade da resistência em fórmas várias e sutís. Daí, a experiência, ao invés de nos libertar, dando-nos liberdade de renascermos, de renovarmo-nos, tornar-se um novo condicionamento, um novo liame às acumulações mortas do passado, do conhecimento armazenado que é, realmente, ignorância e mêdo. Isto perverte e destrói a fôrça libertadora da experiência.

É êste o problema fundamental — como renascer ou renovar-se. Ora, podeis ser renovado por meio de fórmulas, de crenças? Não é um absurdo a própria idéia de que podeis ser renovado por meio de padrões, de ideais, de modêlos? Pode a disciplina, forçada ou auto-imposta, produzir um renascimento da mente? Isto também é uma impossibilidade, não é? Por meio de estribilhos, palavras de repetição, instituições, por meio da adoração de outrem, podeis ser renovado? Talvez momentaneamente, enquanto me ouvís, sintais a impossibilidade de

serdes feitos de novo por meio de um método, através de alguém, etc.

Então, o que nos fará renovados? Percebeis a necessidade vital de ser renovados, de renascer? Para compreender a vida em todos os seus problemas complexos e a realidade, o desconhecido, tem de haver morte constante e um novo nascimento. De outra maneira defrontareis novos problemas, novas experiências com acumulações mortas, que unicamente prendem, causando confusão e sofrimento.

Estamos, então, confrontados com estas memórias e fórmulas, crenças e valores acumulados que atuam constantemente como um escudo, como uma resistência. Ora, se tentamos remover estas resistências, estas salvaguardas, apenas pela vontade, pela disciplina, a mente não se está renovando. E, entretanto, temos o poder, a única fôrça que pode libertar e renovar, e esta é o amor — o amor, não do ideal, não de uma fórmula, mas o amor de indivíduo a indivíduo. Mas demarcamos êste amor com a moralidade da vontade porque existe o desejo de satisfação e o seu temor. Assim, o amor se torna destrutivo, limitador, ao invés de libertador, renovador.

Vemos êste processo de escravidão e dôr em nossa vida diária. É só na vida diária, com as suas relações mútuas e conflitos, seus temores e ambições, que principiais a perceber a

fôrça renovadora do amor. Êste amor não é sentimento. O sentimento, afinal, é apenas a incapacidade de sentir profunda, integralmente, e, portanto, de alterar fundamentalmente.

Interrogante: Gostaria de saber porque, às vezes, estou demasiadamente preguiçoso para me sentir bem disposto e novo?

Krishnamurti: Podeis ter preguiça devido à falta de dieta adequada, mas, possuir um corpo saudável, garante o renascimento da mente? Podeis estar tranquilo, aparentemente preguiçoso, e, no entanto, extraordinariamente vivo.

Interrogante: Para sermos feitos de novo temos de nos esforçar.

Krishnamurti: Não podeis ser feito de novo com o peso morto do passado e, percebendo isto, pensais que deveis fazer um esfôrço para vos desembaraçar dele. Estando preso na confusão, sentís que para vos desenvencilhardes dela deveis disciplinar-vos, que tendes de vos esforçar para dominá-la, ou, de outro modo, a confusão aumentará e continuará. É isto que pensais, não é? Ou fazeis esfôrço

para vos conservardes tranquilo e observar, afim de encontrar modos e meios de vencer esta confusão e conflito, ou fazeis esfôrço para perceber as suas causas, de modo que possais dominá-las; ou estais apenas intelectualmente interessado em observar — porém, não necessitamos preocupar-nos com os chamados intelectuais. Ou aceitais o cáos, a luta, ou tentais dominar o sofrimento; ambos envolvem esfôrço. Se examinardes o motivo dêste esfôrço, percebereis que há o desejo de não sofrer, o desejo de fugir, de estar satisfeito, de proteger-se, e assim por diante. Faz-se esfôrço para dominar, para compreender, para transformar o que somos no que queremos ser, ou pensamos que deveríamos ser. Não produzem todos êstes esfôrços uma série de novos hábitos em lugar dos antigos? Os hábitos antigos, os velhos valores, não vos deram o ideal, a satisfação, e por isto fazeis esfôrço para estabelecer novos ideais, nova série de hábitos, valores e satisfações. Tal esfôrço é considerado digno e nobre. Estais fazendo esfôrço para ser ou não ser algo, de acôrdo com uma fórmula e um padrão preconcebidos. Assim, não pode haver renascimento, mas apenas a continuação do antigo desejo sob nova forma, que cedo cria confusão e tristeza. Há ainda o esfôrço da vontade para vencer êste conflito e esta dôr; fica-se novamente preso no

círculo vicioso do esfôrço, seja para encontrar a causa do sofrimento ou para dominá-la.

O esfôrço é feito para dominar o temor através da descoberta das suas causas. Por que quereis descobrir a causa? Não é porque não quereis sofrer, temeis sofrer? Assim, esperais que pelo mêdo, cedendo ao mêdo, todo o mêdo será dominado. Isto é uma impossibilidade.

Ora, fazeis esfôrço para descbrir a causa da alegria? Se o fazeis, então a alegria cessa de existir e sòmente as suas memórias e hábitos existem.

Interrogante: Assim, pela análise, o mêdo também deveria desaparecer do mesmo modo que a alegria desaperece, quando examinada. Mas por que não?

Krishnamurti: A alegria é espontânea, não procurada, nem convidada, e quando a mente a analisa, para cultivá-la ou recapturá-la, então não é mais alegria. Enquanto que o mêdo não é espontâneo, exceto em incidentes repentinos e imprevistos, mas astuciosamente cultivado pela mente no seu desejo de satisfação, de certeza. Assim, se fazeis esfôrço para vos desembaraçar do mêdo descobrindo as suas causas, e assim por diante, apenas o estais en-

cobrindo, pois o esfôrço é o da vontade, que é resistência criada pelo mêdo.

Se integralmente, com todo o vosso ser, compreenderdes êste processo, então, no meio desta chama do sofrimento, quando não há desejo de fugir, de vencer, desta mesma confusão surge uma nova compreensão, brotando espontaneamente do terreno do próprio mêdo.

V

Tenho tentado explicar que a renovação, o renascimento, tem de ser espontâneo e não o resultado de esfôrço.

Antes de descobrirmos se o esfôrço é moral ou imoral, importante ou não importante, temos, em primeiro lugar, de considerar o desejo. Compreendendo o desejo, cada um descobrirá por si mesmo se o esfôrço é moral ou imoral, relativamente à renovação, ao renascimento da mente. Se não se tivessem desejos, não haveria esfôrço. Portanto, temos de conhecer o seu processo, a fôrça motriz que impulsiona o esfôrço, que é sempre o desejo; seja qual for o nome com que gosteis de designá-lo, retidão, bem, Deus em nós, o eu superior, e assim por diante, não importa, é ainda o desejo.

Ora, o desejo dirige-se sempre a alguma cousa; é sempre dependente e, porisso, sempre produtor do mêdo. Sendo dependente, há sem-

pre incerteza que produz o mêdo. O desejo não pode existir por si mesmo, precisa sempre estar em relação com alguma cousa. Podeis observar isto em vossas reações psicológicas diárias. O desejo é sempre dependente, relacionado com alguma cousa. Sòmente o amor não é dependente.

Há o desejo de ser alguma cousa, de tornar-se, de ter sucesso, de não sofrer, de encontrar a felicidade, de amar e ser amado, de encontrar a verdade, a realidade, Deus. Há o desejo positivo de ser algo e o negativo de não o ser. Se estamos apegados, há agonia, sofrimento, e disto aprendemos —o que chamamos aprender — que o apêgo traz a dôr. Assim, desejamos não ter apêgo, e cultivamos esta qualidade negativa, o desapêgo. O desejo impele-nos a ser isto e não aquilo.

Estamos familiarizados com o desejo positivo e negativo, ser e não ser, tornar-se e não se tornar. Ora, o desejo não é emoção; é o resultado da mente que está sempre procurando satisfação, cujos valores se baseiam na satisfação. Estar satisfeito é o motivo oculto de todo desejo. A mente procura sempre satisfação, a todo o custo, e, se é contrariada em uma direção, procura conseguir seu fim em outra. Todo esfôrço, todo poder diretivo da mente é para estar satisfeita. Dêste modo, a satisfação torna-se um hábito mecânico da

mente. Em momentos de grande emoção, de amor profundo, não há dependência do desejo, nem a sua busca de satisfação.

Para estar satisfeita, a mente desenvolve sua própria técnica de resistência e não-resistência, que é a vontade. E quando a mente descobre que no processo da satisfação há sofrimento, então começa a desenvolver a ausência de desejo, o desapêgo. Há, assim, a vontade positiva e a negativa sempre se esforçando, sempre procurando satisfação. O desejo de estar satisfeito cria a vontade, que se mantem pelo seu próprio esfôrço contínuo. E, onde há vontade, tem de se lhe seguir sempre o mêdo — mêdo de não estar satisfeito, de não conseguir, de não se tornar. A vontade e o mêdo andam sempre juntos. E, ainda, para dominar êste mêdo, faz-se esfôrço, e neste círculo vicioso de incerteza a mente fica presa. A vontade e o mêdo seguem sempre de mãos dadas e manterão a sua continuidade de satisfação em satisfação, através da memória que dá à conciência a sua continuidade, como o "eu".

A vontade e o esfôrço, então, são apenas o mecanismo da mente para estar satisfeita. Assim, o desejo é todo da mente. A mente é a essência mesma do desejo. O hábito se estabeleceu pela busca constante de satisfação, e a sensação que a mente estimula não é emoção.

Todo o esfôrço, portanto, surgindo da vontade, seja de estar satisfeito ou de não o estar, tem de ser sempre mecânico, formador de hábitos e, assim, não pode produzir o renascimento, a renovação. Mesmo quando a mente indaga a causa do sofrimento, ela o faz principalmente porque deseja fugir, destruir o que não é satisfatório e obter o que é.

Ora, todo êste processo em que a mente se acha presa é o sistema da ignorância. A vontade, que se mantém por meio do esfôrço para estar satisfeita, para ter prazer, através de vários meios e métodos — esta vontade de satisfação tem de cessar por si mesma, pois, qualquer esfôrço para dar fim à satisfação, será apenas outra maneira de estar satisfeito.

Êste processo de satisfação, de contentamento, prossegue assim continuamente e todo esfôrço pode apenas fortalecê-lo. Percebendo que todo esfôrço é o desejo de satisfação e, portanto, do próprio mêdo, como se pode conduzir êste processo a um têrmo? Mesmo êste próprio desejo da cessação nasce da vontade de estar satisfeito. Esta questão mesma de como estar livre do desejo é inspirada pelo próprio desejo.

Se sentísseis integralmente todo êste processo como ignorância, então não pediríeis um meio de ficar livre do desejo, do mêdo. Então não procuraríeis nenhum método, por mais pro-

missor, por mais esperançoso. Não há método, nem sistema, nem caminho para a verdade. Quando compreendeis o pleno significado interno de todos os métodos, esta própria compreensão começa espontaneamente a dissolver o desejo, o mêdo, que está procurando satisfação.

Sòmente na profunda emoção não existe ânsia de satisfação. O amor não depende da satisfação nem do hábito. Mas a vontade do desejo procura sempre fazer do amor um hábito mecânico, ou tenta controlá-lo através das leis morais, da compulsão, etc. Daí existir uma batalha constante da mente, com sua vontade de satisfação, para controlar, para dominar o amor; e a batalha é quase sempre ganha pela mente, pois o amor não tem nenhum conflito dentro de si, e, portanto, nenhum com outrem. Sòmente quando o desejo, com sua vontade do mêdo, cessa espontaneamente — não pela compulsão ou pela promessa de recompensa — há a renovação, o renascimento de todo o nosso ser.

Interrogante: Posso confiar ou ter fé neste amor, ou isto é também um modo de auto-proteção?

Krishnamurti: Não é a fé outro refúgio em que a mente encontra satisfação e abrigo? Podeis ter fé no amor, outro a tem em

Deus, e assim por diante. Tôda fé semelhante é um ancoradouro para a mente. Qualquer refúgio, qualquer apêgo, seja qual for o seu nome, tem de ser de auto-proteção, de satisfação e portanto, o resultado do mêdo.

Percebemos ao nosso derredor terrível crueldade, caos e barbaridade completos e procuramos refúgio no ideal, na crença, ou em qualquer forma de consolação. Foge-se assim para a ilusão; mas o conflito entre o atual e o ilusório tem de continuar até que ou o irreal vença o atual, ou o atual atravesse tôdas as salvaguardas, tôdas as fugas, e comece a revelar o seu profundo significado.

Interrogante: Insistindo meramente no preenchimento individual, não estais pondo de lado a questão social? Como pode o indivíduo, que está sempre em relação com a sociedade, ser o único fator importante? Por que realçais o indivíduo?

Krishnamurti: Sem o indivíduo, a sociedade não pode existir; esta entidade social não é independente do indivíduo. A sociedade é o conjunto das relações mútuas entre um indivíduo e outro. A sociedade é pessoal mas tornou-se máquina independente, com vida própria, que apenas utiliza o indivíduo. A socie-

dade tornou-se simplesmente uma instituição que controla e domina o indivíduo através da opinião, das leis morais, de interesses rendosos, e assim por diante. Como as instituições nunca são importantes, mas sòmente o indivíduo, temos de considerar o seu preenchimento, que não pode ser conseguido pela mera mudança de ambiente, por mais drástica que seja. A simples alteração do superficial não produzirá o profundo preenchimento do homem, mas apenas reações mecânicas. Esta divisão entre indivíduo e ambiente é mecânica e falsa; quando cada qual compreender fundamentalmente que isto é assim, então o indivíduo agirá integralmente, não como um indivíduo, nem meramente como o produto mecânico da sociedade, mas como um ser integral.

Interrogante: Isto certamente necessitará muitos séculos, não? Assim, não devemos fazer agora novas leis e condições sociais?

Krishnamurti: Como podemos produzir esta mudança que todos desejamos? Ou por meio da fôrça, ou cada indivíduo principiando a despertar para a necessidade da mudança fundamental. Ou através da compulsão, da revolução, do domínio, ou pelo despertar do indivíduo para a realidade.

Se queremos produzir apenas um mundo mecânico de sistemas morais, de leis, de imposições, então a violência pode ser suficiente, o emprêgo da fôrça sob tôdas as formas possíveis; mas se queremos paz e fraternidade, relações mútuas baseadas no amor, então, a violência sob qualquer aspecto não pode ser o meio. Pela violencia não podeis chegar à paz, ao amor, mas apenas a maior violência. A violência é complexa e sutil, e até que o indivíduo não fique livre do seu domínio evidente ou encoberto, não pode haver paz, nem fraternidade duradoura.

Interrogante: Então devemos deixar as pessoas crueis continuar a sê-lo?

Krishnamurti: Para salvar a humanidade deveis primeiro destruir o ser humano? É isto que me perguntais? Por que tendes certas ideologias, certas crenças, deve o indivíduo ser-lhes sacrificado? Não, meus amigos ,não queremos ajudar o mundo, queremos apenas impor aos outros certa ideologia, certa fé, certa crença. Queremos que a tirania das idéias prevaleça, e não o amor.

Cada um está seguindo o seu problema particular, o seu ideal de homem, ou a sua concepção do Estado, ou a sua crença em Deus,

e assim por diante. Mas, se vós que me ouvís, compreenderdes fundamentalmente o que estou dizendo, então vos preocupareis com o problema-raiz, o desejo com seus temores e esfôrços, que impedem o preenchimento, o renascimento individual.

VI

Tenho procurado explicar o mecanismo do mêdo formador de hábitos, que destrói a renovação, o renascimento, o único em que pode haver realidade. O desejo de satisfação cria o mêdo e o hábito. Como expliquei, o desejo e a emoção constituem dois processos diferentes e distintos; o desejo sendo inteiramente da mente, e a emoção a expressão integral de todo o nosso ser. O desejo, o processo da mente, é sempre acompanhado pelo mêdo, e a emoção é isenta dele. O desejo deve produzir sempre o mêdo, e a emoção jamais o contém porque ela é a essência de todo nosso ser. A emoção não pode vencer o desejo, porque a emoção é um estado de destemor, que só pode ser experimentado quando o desejo, com o seu mêdo e a sua vontade de satisfação, cessa. A emoção não pode dominar o mêdo; porque o mêdo, como o desejo, são da mente. As emoções são de caráter,

de qualidade e de dimensões completamente diferentes.

Ora, o que a maioria de nós estamos procurando fazer é dominar o mêdo, seja pelo desejo, ou pelo que chamamos "emoção" — que é realmente outra forma de desejo. Não podeis dominar o mêdo pelo amor. Dominar o mêdo por meio de outra fôrça que chamamos emoção, amor, não é possível, porque o desejo de dominar o mêdo nasce do próprio desejo, da própria mente, e não do amor. Isto é, o mêdo é resultado do desejo, da satisfação, e o desejo de dominar o mêdo é da natureza da própria satisfação. Não é possível dominar o mêdo pelo amor, como a maioria das pessoas verifica por si mesma. A mente, que é do desejo, não pode destruir parte de si mesma. É isto o que tentais fazer quando falais de "desembaraçar-vos" do mêdo. Quando perguntais, "Como posso desembaraçar-me do mêdo, que posso fazer com as várias formas do mêdo?" estais meramente querendo saber como dominar um grupo de desejos por outro — o que sòmente perpetua o mêdo. Porque todo desejo cria mêdo. O desejo produz o mêdo e tentando dominar um desejo por outro estais apenas cedendo ao mêdo. O desejo sòmente pode recondicionar-se a si mesmo, remodelar-se segundo um novo padrão, mas permanecerá ainda desejo, dando nascimento ao mêdo.

Sabemos que os nossos hábitos atuais de

pensamento e de moralidade estão baseados na segurança individual e no lucro e que dêsse modo criámos uma sociedade que é mantida por meio do nosso próprio desejo. Compreendendo isto, há os que tentam criar novos hábitos, novas virtudes, na esperança de criar uma nova sociedade baseada na ausência do lucro, e assim por diante. Mas o desejo ainda persiste sob diferentes formas e enquanto não compreendermos todo o processo do próprio desejo, a mera transformação das condições e valores externos terá pouco significado.

Modificar a forma de desejo do velho para o novo, é apenas recondicionar a mente, pois ela continuará sendo do desejo e, assim, sempre uma fonte do mêdo. Porisso, temos de compreender o processo da própria mente. Não é a mente, como a conhecemos, um instrumento desenvolvido para a sobrevivência, para a satisfação, para a auto-proteção, para a resistência, e, por conseguinte, um instrumento do mêdo? Vamos pôr de lado a consideração de que a mente é o instrumento de Deus, o guia moral mais elevado, e assim por diante, porque tôdas essas suposições são meramente tradicionais, ou simples esperanças. A mente é essencialmente um instrumento do mêdo. Do desejo surge o raciocínio, a conclusão, a ação — cujos valores e moralidades estão baseados na vontade de sobreviver, de estar satisfeito. Dêsse modo, a

mente, o pensamento, divide-se em muitas partes, como o conciente e o inconciente, o superior e o inferior, o real e o falso, o bem e o mal. Isto é, a mente, procurando satisfação, dividiu-se em muitas partes, cada uma estando em conflito com a outra, mas a busca central e essencial de cada uma e do todo é de auto-satisfação sob diferentes formas. Assim, a mente está sempre engendrando o seu próprio mêdo.

Há várias formas de mêdo: do nosso próprio futuro, da morte, da vida, da responsabilidade, e assim por diante. Porisso a mente está sempre tentando tornar-se segura através de crenças, de esperanças, de ilusões, de conhecimento, de ideais, de padrões. Há uma luta constante entre o conhecido, e o desconhecido. O conhecido é o passado, o acúmulado, o hábito e o desconhecido é o que é incerto, o inconquistável, o espontâneo, o criativo.

O passado está sempre tentando vencer o futuro; o hábito procura transformar o desconhecido no habitual para que o mêdo cesse. Há, assim, o conflito constante do desejo, e o mêdo está sempre presente. O processo é absorver, estar certo, estar satisfeito, e quando isto não é possível, a mente recorre a explicações, teorias, crenças satisfatórias. Dêsse modo, a morte, o desconhecido é transformado no conhecido; a verdade, o inconquistável é transformado no atingível.

Assim, a mente é um campo de batalha dos seus próprios desejos, temores, valores, e qualquer esfôrço que ela faça para destruir o mêdo — isto é, para destruir-se a si mesma — é inteiramente inútil. A parte que deseja desvencilhar-se do mêdo está sempre procurando satisfação; e aquela de que ela anseia livrar-se foi o motivo de satisfação no passado. D'est'arte, a satisfação procura livrar-se daquilo que já satisfez; o mêdo tenta vencer o que foi o instrumento do mêdo. O desejo, criando mêdo na busca de satisfação, tenta vencer êste mêdo, mas o próprio desejo é a causa do mêdo. O mero desejo não pode destruir-se, nem o mêdo dominar-se, e todo o esfôrço da mente para livrar-se deles nasce do desejo. Dêsse modo a mente fica presa no seu próprio círculo vicioso do esfôrço.

Precisamos compreender profundamente a natureza íntima da própria mente e esta compreensão não nasce da noite para o dia; necessita de imenso apercebimento de todo o nosso ser. Como eu disse, a mente é um campo de batalha de vários desejos, valores, esperanças, e qualquer esfôrço da sua parte para livrar-se deles pode unicamente acentuar o conflito. A luta existe enquanto o desejo, sob qualquer forma, continua; enquanto um desejo se insurge contra outro, uma série de valores contra outra, um ideal contra outro, êste conflito tem de

continuar. Êste poder discriminativo do desejo, da escolha, tem de cessar, e isto só pode suceder quando se compreende, quando se sente internamente o esfôrço cego do intelecto. A profunda observação dêste processo, sem querença, sem julgamento, sem preconceito, e, portanto, sem desejo, é o comêço dêste apercebimento, o único que pode libertar a mente de seus próprios temores, hábitos e ilusões destrutivas.

Mas, com a maioria de nós, a dificuldade está em perfurar através destas modalidades de emoção que são realmente os estímulos do desejo, do mêdo, pois tais emoções são destruidoras do amor. Elas impedem o apercebimento integral.

Interrogante: São o desejo e o interêsse, como os conhecemos atualmente. a mesca cousa?

Krishnamurti: Se o interêsse é apenas o resultado do desejo, do lucro, do estar satisfeito, de obter sucesso, então, o interêsse é a mesma cousa que o desejo e, portanto, destruidor da vida criativa.

Interrogante: Como posso atingir a qualidade de ausência de desejo sem o desejo de atingí-la?

Krishnamurti: Senhor, é sôbre isto exatamente que falei esta manhã. Por que desejais atingir a ausência de desejo? Não é por que verificastes através da experiência que o desejo é doloroso, que traz mêdo, que cria conflito ou um sucesso que é cruel? Assim, ansiais por atingir um estado de ausência de desejo, que pode ser conseguido, mas que é da morte, pois é apenas o resultado do mêdo. Quereis estar livres de todo mêdo, e porisso fazeis da ausência de desejo o ideal, o padrão para ser seguido. Mas o motivo por detrás dêsse ideal é ainda desejo e, assim, ainda o mêdo.

Interrogante: É mente a própria vida? Por que não se pode dividir a vida em mente e emoção?

Krishnamurti: Como expliquei, a mente tornou-se unicamente um instrumento de auto-proteção de várias formas e dividiu-se em emoção e pensamento — não que a vida a tenha dividido nem que as emoções se tenham separado da mente, mas a mente, através dos seus próprios desejos, fracionou-se em diferentes partes. A mente descobriu que estando sem desejo ficará menos sujeita ao sofrimento. Aprendeu pela experiência, pelo conhecimento, que a

ausência de desejo pode produzir o confôrto ulterior que ela espera seja a verdade, Deus, e assim por diante. Por isso, faz esfôrço para estar sem desejo, e, por consequência, divide-se em diferentes partes.

Interrogante: É possível ser sem desejo quando se possue um corpo?

Krishnamurti: Que dizeis *vós*, senhor? Êste é um problema que tendes de encarar, a que todos nós temos de fazer face. A mente, como já disse, está sempre procurando satisfação, sob vários aspectos. A necessidade tornou-se assim um meio de obter prazer. Isto se exprime de vários modos — ganância, poder, posição, e assim por diante. Não se pode existir neste mundo, sem desejo? Descobrireis isto na vossa vida diária. Não separeis as necessidades do desejo, pois seria uma tentativa falsa para a compreensão dêste. Quando as necessidades são glorificadas como meios de auto-importância, então o desejo principia o processo complexo da ignorância. Se apenas realçais as necessidades, e delas fazeis princípio, estais novamente tratando a questão do desejo de um ponto de vista não inteligente, mas se começais a considerar o próprio processo do desejo, que

produz o mêdo e a ignorância, então, as necessidades terão seu valor significativo.

Interrogante: Por favor, dai-nos o vosso ponto de vista ou o que desejardes dizer sôbre o modo de como educar os filhos.

Interrogante: Não é a criança que constitue o problema; nós somos o problema.

Krishnamurti: Dizeis que temos de primeiramente resolver nossos próprios problemas e então seremos capazes de lidar com a criança? Não é isto uma concepção muito unilateral? Não é a educação da criança um problema muito complexo? Quereis ajudar a criança a desenvolver-se na sua mais plena capacidade integral, mas como não há nem professores nem escolas adequadas a êste fim, a educação torna-se um problema. Como pais podeis ter certas idéias definidas, que ajudarão a criança a ser inteligentemente crítica e naturalmente espontânea a todo o momento, mas infelizmente na escola, o nacionalismo, o ódio racial, o poder condutor, a tradição, o exemplo, e assim por diante, são inculcados à criança, contrabalançando, dêsse modo, tudo que possais estar fazendo em casa. Assim, ou tereis de estabelecer

uma escola própria em que os preconceitos de raça, de país, de exemplos, de superstições religiosas, de crenças, não sejam inculcados às crianças — o que quer dizer que é necessário, como professor, um ser humano inteligente; e êste raramente é encontrado. Ou tendes de mandar a criança às escolas já existentes, esperando pelo melhor e contrabalançando em casa tôdas as cousas insensatas e perniciosas que ela aprende na escola, ajudando-a a ser inteligente e crítica. Mas, geralmente não tendes tempo para isto, ou possuís dinheiro demais e então empregais aias, para cuidar de vossos filhos. É um problema complexo que os próprios pais teem de resolver de acôrdo com a sua capacidade, mas que infelizmente é paralizado pelos seus temores, superstições, crenças.

Interrogante: Pelo menos podemos dar à criança o ambiente apropriado no lar.

Krishnamurti: Mesmo isto não é bastante, é? Porque a pressão da opinião é muito grande. Uma criança se sente excluida se não usar também alguma espécie de uniforme ou deixar de carregar uma espingarda de madeira, quando a maioria o faz. Há a exigência da chamada nação, cujo govêrno, com seu poder colossal, força o indivíduo a certo padrão, a

usar armas, a matar, a morrer. Há também a outra instituição, a religião organizada, que através da crença, do dogma, e assim por diante, tenta igualmente destruir o indivíduo. Desta maneira o indivíduo está sendo continuamente desviado do seu preenchimento.

Êste é o problema de tôda a nossa vida, que não pode ser resolvido através de meras explicações e asserções.